



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

SARA BOMFIM MANERA

**IMPORTÂNCIA DAS RÁDIOS NA RECONSTRUÇÃO DE ANGOLA
PÓS GUERRA CIVIL – ANÁLISE DA RÁDIO NACIONAL DE
ANGOLA, RÁDIO ECCLÉSIA E LUANDA ANTENA COMERCIAL**

SALVADOR

DEZEMBRO DE 2007

SARA BOMFIM MANERA

**IMPORTÂNCIA DAS RÁDIOS NA RECONSTRUÇÃO DE ANGOLA
PÓS GUERRA CIVIL – ANÁLISE DA RÁDIO NACIONAL DE
ANGOLA, RÁDIO ECCLÉSIA E LUANDA ANTENA COMERCIAL**

Monografia apresentada à Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal da Bahia
como requisito parcial para a obtenção do grau de
bacharel em Comunicação Social, com habilitação
em jornalismo.

Orientador: Fernando Conceição

SALVADOR

DEZEMBRO DE 2007

aprovecha

À determinação e coragem do povo angolano.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Bepi, pela inspiração. Á minha mãe Valdira, por acreditar sempre, pelo apoio e paciência. Aos meus irmãos Daniel e Victor pelo apoio e amizade.

Á Família Bonfim, primos, tios e avós, pelo grande incentivo.

Á Sebastião Delgado, pela atenção, amizade, ajuda e contatos valiosos.

Á Hernani, Jandira e Antônio Magalhães e a todos os amigos brasileiros pela amizade.

A todos os entrevistados pela disposição em me atender.

A Ismael Mateus, pelas conversas e dicas.

A Sissi Bembom, Sitânio Bumba e Adebayo Vunge por disponibilizar seus trabalhos.

Á Clarissa Amaral pelo material disponibilizado, sugestões e pelo cuidado na leitura do texto.

Á Luciana Melo pela atenção e cuidado na leitura do texto e pelas sugestões enriquecedoras propostas.

A todos aqueles que me receberam tão bem em Angola.

SIGLAS

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

UNITA - União Nacional para a Independência Total de Angola

AM – Amplitude Média

FM – Freqüência Modulada

LAC – Luanda Antena Comercial

RNA – Rádio Nacional de Angola

RCC – Rádio Comercial de Cabinda

TPA – Televisão Pública de Angola

RESUMO

Este trabalho analisa a importância que o rádio tem em Angola depois do fim da guerra civil, em 2002, para a reestruturação do país. Como a Rádio Nacional de Angola, Rádio Ecclésia e Luanda Antena Comercial contribuem para a reestruturação do país junto à sociedade com o intuito de promover um maior debate político e o amplo exercício da cidadania e democracia. Foram feitas entrevistas com jornalistas e profissionais angolanos e brasileiros que atuam diretamente com a comunicação social naquele país, além de pessoas da comunidade. Com base nestas entrevistas, na análise de conteúdo dos programas radiofônicos, na leitura sobre o tema e em visita à capital, Luanda, é possível afirmar que o rádio é o mais importante, desenvolvido e abrangente meio de comunicação em Angola. Estas características conferem credibilidade e poder de influência às rádios, já que a população usa-as como principal meio de informação. As rádios citadas tiveram destaque nos últimos cinco anos de paz e foram analisadas como órgãos ativos nas transformações sociais ocorridas e na reestruturação do país.

PALAVRAS-CHAVE: Angola, rádios, reestruturação social.

SUMMARY

This research work analyses the importance that the radio has in Angola in rebuilding the country after the civil war that ended in the year 2002. The research work also shows how the Rádio Nacional de Angola, Radio Ecclésia and Luanda Antena Comercial contribute towards the rebuilding of the angolan society by promoting a major political debate and an ample exercise of citizenship and democracy. The research involved an interview with some angolan journalists and other professionals, some Brazilians that work directly with social communication in the country and some lay people of the angolan community. From the interviews carried out, the analysis of the content of the radio programmes, the study about the title of this research work and a visit to the capital city, Luanda, its possible to affirm that the radio is the most important, developed and broadest means of communication in Angola. These characteristics confirm credibility and power of influence that these radios have now that the population use them as the main means of information. The above mentioned radio stations have been influential in the last five years of peace in the country and were analyzed as active organs in the social transformation and the rebuilding of the country.

KEY-WORDS: Angola, radios, social restructuring.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – O rádio como agente social	09
2 METODOLOGIA	12
3 OBJETO – Um país, uma história	14
3.1 História do rádio	14
3.2 No Brasil	15
3.2.1 Era de Ouro do rádio	15
3.2.2 Surgimento da televisão e decadência do rádio	17
3.3 Rádio digital e na Internet – Uma nova maneira de fazer rádio	19
3.3.1 Novas tecnologias, novas perspectivas	19
3.4 O rádio como arma	20
3.5 Breve histórico político do país	22
3.5.1 País sitiado	22
3.5.2 Perfil do país: Geografia política e física Novos rumos para a comunicação	26
3.5.3 Radiografia de Angola	29
3.6 Histórico recente	30
3.6.1 Rádio clubes	32
3.7 Novos rumos	35
3.8 Breve histórico da Rádio Nacional de Angola, Rádio Eclésia e Rádio Luanda Antena Comercial	36
3.8.1 Rádio Nacional de Angola (RNA)	36
3.8.1.1 Línguas nacionais na RNA	38
3.8.2 Rádio Eclésia	41
3.8.3 Luanda Antena Comercial (LAC)	42

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA – Influência e controle	43
4.1 Controle social e ideologia	43
4.2 Rádio regional e especialização	44
4.3 Os interesses por trás do modelo de radiodifusão	45
4.4 Características do rádio	47
4.5 A comunicação rural e o rádio	51
4.6 Mídia e política	52
5 ANÁLISE – Cara a cara com o poder	55
5.1 Principais contribuições do rádio	55
5.2 Comunicar é poder	56
5.3 A influência da RNA nas províncias	56
5.4 Censura	57
5.5 Interesse estratégico	58
5.6 Aspectos da comunicação angolana	59
5.7 Concentração da mídia	62
5.8 Importância da transmissão em línguas nacionais	62
5.9 A importância do rádio e a perda de audiência	63
5.10 Porque LAC, RNA e Ecclésia	64
5.11 Entrevistados	65
5.12 Programação cidadã	66
5.13 Vozes de Angola	67
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS – A reconstrução de um país pelo rádio	97
6.1 Qualificação profissional	97
6.2 Baixos salários	98
6.3 União da classe jornalística	98

6.4 Concentração espacial da mídia	98
6.5 Censura internalizada	99
6.6 Acesso às fontes	99
6.7 Lei de imprensa	100
6.8 A rádio na reconstrução nacional	100
6.9 Importância do rádio	101
6.10 Credibilidade	102
6.11 O desafio da audiência	103
6.12 Perspectivas	104
6.13 Limitações ocorridas	104
6.14 Recomendações	105
REFERÊNCIAS	106
ANEXOS	110

1 INTRODUÇÃO: O RÁDIO COMO AGENTE SOCIAL

Segundo os entrevistados e de acordo com a bibliografia pesquisada é possível afirmar que o rádio é o principal meio de comunicação em Angola. É o mais desenvolvido tecnicamente e com melhores profissionais, aquele que melhor serviço presta à sociedade e tem mais influência sobre ela. A maioria da população é analfabeta e devido às baixíssimas condições econômicas tem pouco acesso às publicações impressas, à televisão e à internet. Por isso, o rádio é o único meio de comunicação que abrange a maior parte da população, chegando a cobrir 90% do território nacional, devido as suas principais características: instantaneidade, baixo custo e grande alcance.

A questão principal que se impõe neste estudo é a importância que o rádio, nomeadamente a Rádio Nacional de Angola (RNA), a Luanda Antena Comercial (LAC) e a Rádio Ecclésia têm nos primeiros cinco anos de paz. O que estas rádios vêm fazendo para ajudar o país a se reestruturar depois de 27 anos de guerra civil. Como os programas que são aí transmitidos, seus conteúdos e sua forma de chegar até o público geram desenvolvimento para os ouvintes. Este trabalho pretende verificar a existência de programas, reportagens e campanhas nas mídias citadas de apoio à população, nos aspectos: social (promoção da cidadania, divulgação dos direitos civis e humanos) e educacional (promoção do conhecimento de temas importantes para o dia-a-dia do cidadão) e qual sua importância para a população. Além de analisar o papel de formador de opinião e prestador de serviços de utilidade pública dos meios de comunicação citados. Para melhor avaliar a importância destas três rádios para a população é preciso ter em mente as suas características. A Rádio Nacional de Angola é estatal, a Luanda Antena Comercial é de capital privado e a Rádio Ecclésia, pertencente à igreja

católica. Estas características influenciam nas programações e na maneira que as informações são abordadas.

Neste estudo são abordadas de maneira breve a história do rádio no mundo, no Brasil e em Angola, seu surgimento e desenvolvimento; a história dos meios de comunicação em Angola, a história recente do país, além das análises do material recolhido durante uma curta estadia de um mês na capital, Luanda e as considerações finais. O trabalho é dividido em fundamentação teórica (a importância do rádio, suas características, perspectivas para o futuro), objeto de estudo (informações sobre as rádios pesquisadas: Rádio Nacional de Angola, Luanda Antena Comercial e Rádio Ecclésia. Características de suas programações, temática abordada, credibilidade perante os ouvintes, contexto histórico e político de Angola) e por último a análise e considerações finais a partir da pesquisa feita (qual a importância das rádios na reconstrução de Angola depois da guerra civil e de que forma elas auxiliam a população).

Um estudo deste tipo se justifica devido à necessidade de maior conhecimento da realidade angolana e da grande importância do rádio naquele país. A mídia tem um papel muito importante na formação de opinião e de reforço ou negação de imagens estereotipadas, de esclarecimento e na difusão de idéias. Angola teve grande importância para o Brasil como exportador de escravos, mas as trocas não foram somente estas e a relação entre os dois países se firmou, tanto que o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência de Angola quando esta se separou de Portugal, em 1975. O Brasil, em especial a Bahia, tem semelhanças com Angola e se aproxima do país de forma econômica, política, afetiva, cultural e lingüística. “Líder mundial em mutilados, campeã absoluta em velocidade de crianças mortas por minuto, palco da guerra mais longa do século, Angola encabeça outra triste estatística: a do esquecimento.” Este trecho estava no Jornal do Brasil de 27 de fevereiro de 1994. É por

este motivo, para que Angola, sua gente e sua história não sejam esquecidas que esta humilde pesquisa existe. Entendendo Angola hoje é possível ter maior consciência de sua história e do seu momento de grandes desafios e possibilidades. As rádio Luanda Antena Comercial (LAC), Rádio Ecclésia e Rádio Nacional de Angola (RNA) foram escolhidas para esta pesquisa pela sua importância com o fim da guerra civil e por suas histórias. Elas podem ser consideradas as mais importantes do país, são meios de comunicação que prestam serviços à sociedade de maneira fundamental e auxiliam no projeto de reconstrução nacional.

2 METODOLOGIA

Foi feito um estudo retrospectivo do papel do rádio no país com ênfase no período de 2002 até hoje. Os métodos adotados foram o histórico e o comparativo. O primeiro defende a idéia de que os acontecimentos e a vivência social são reflexos do passado histórico. Ao investigar fatos, instituições e processos passados é possível verificar sua influência no modo de vida da sociedade atual. Logo é fundamental o estudo do passado de Angola para poder contextualizar seu presente e analisar as informações obtidas de maneira a refletir sobre o modelo de sociedade e, por conseguinte, de comunicação adotado.

O método comparativo defende que o estudo e comparação de realidades sociais diferentes contribuem para o entendimento de fenômenos isolados ou em conjunto. A comparação pode ser feita com fenômenos do passado e do presente, em sociedades diferentes que vivem em momentos diversos, mas que através de um estudo comparativo podem ser melhor entendidas. A comparação entre passado e presente, entre a realidade da zona rural e urbana, das várias componentes étnicas da sociedade angolana dá uma visão mais ampla dela mesma. Através da comparação é possível entender a comunicação e a sociedade angolana, suas características e práticas.

Os procedimentos usados no trabalho foram a pesquisa de campo, o levantamento bibliográfico, entrevistas e observação. O primeiro recurso utilizado neste trabalho foi o levantamento bibliográfico, que aguçou o desejo de conhecimento sobre o tema. No entanto, a escassez de títulos sobre o assunto, no Brasil, particularmente na Bahia, levou à busca principalmente na internet de material sobre o tema. Este material feito na sua maioria por ONG's internacionais não dá conta da complexidade da realidade encontrada. Somente com a ida ao país e o estudo de campo foi possível realizar este trabalho. Ir a Angola, conversar com

as pessoas, ouvir o que elas têm a dizer, observar o modo de vida da população, suas principais queixas e expectativas para o futuro foi essencial para a análise das informações e para a apresentação das considerações finais.

A aplicação de entrevistas qualitativas teve como universo de estudo, profissionais e ouvintes e os dados foram recolhidos através de um gravador. Leitura de material da imprensa, artigos e livros foram fundamentais para estruturar o pensamento apresentado no trabalho. As entrevistas foram feitas com jornalistas da Rádio Nacional de Angola, Rádio Ecclésia e Luanda Antena Comercial, com profissionais que de forma direta têm ou tiveram contato com os meios de comunicação no país, e ouvintes. As entrevistas foram aplicadas de 12 de setembro a 8 de outubro de 2007, na cidade de Luanda.

3 OBJETO: UM PAÍS, UMA HISTÓRIA

3.1 História do Rádio

A criação do rádio não é mérito de um único inventor, mas de vários cientistas que contribuíram com suas descobertas, ao longo do tempo, para que as primeiras emissões pudessem ser realizadas. O italiano Guglielmo Marconi é reconhecido mundialmente como responsável pela primeira transmissão de rádio, em 1896, baseando-se nos estudos de James Maxwell e Heinrich Rudolf Hertz, entre outros.

Alguns autores defendem que o padre gaúcho Roberto Landell de Moura foi o pioneiro na transmissão da voz humana sem a utilização de aparelhos ligados por fios. A experiência com a nova invenção aconteceu em São Paulo, em 1893. “Foram apresentados três aparelhos inéditos ao público. Um transmissor de ondas, um telégrafo sem fios e um telefone sem fios. Essa transmissão do padre Roberto Landell de Moura deu-se mais de um ano antes da primeira e elementar experiência realizada por Marconi, em Pontecchio, perto de Bolonha, na primavera de 1895.” e “A questão da primazia do invento, é que não existe prova documental de que Landell de Moura efetivamente realizou a experiência de 1893/1894, na Avenida Paulista, em São Paulo.” (CUNHA, 2003, p. 171 e 179).

A partir desta dúvida, a história da comunicação poderia dar ao brasileiro ao menos o benefício da dúvida.

3.2 No Brasil

No Brasil a primeira transmissão aconteceu, em 7 de setembro de 1922, com um discurso do então presidente Epitácio Pessoa, nas comemorações do centenário da Independência. Em 1923 foi inaugurada a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, por Edgard Roquette Pinto e Henrique Morize. Considerado o “pai do rádio” no Brasil, Roquette Pinto previu que o rádio seria um difusor da cultura popular. A programação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro era voltada para a elite, com transmissões de ópera, recitais de poesia, concertos e palestras. O rádio ainda não era um meio de comunicação popular devido o custo de importação dos receptores. A Rádio Sociedade funcionava como rádio clube, os anúncios eram proibidos e ela se sustentava com as doações dos donos dos receptores.

A partir da segunda metade da década de 30 o rádio passa a se tornar mais popular e a ser economicamente viável, atraindo grandes receitas publicitárias. A programação deixa de ser elitista para se tornar mais popular e as rádios abrem as portas de seus auditórios ao público. O rádio começa a influenciar o modo de vida das pessoas e aumentaria consideravelmente este poder nas décadas de 40 e 50 com a “Era de Ouro” do rádio no Brasil.

3.2.1 Era de ouro do rádio

Esta época tem início nos anos 40 e vai até os anos 50 e é marcada pelo glamour e pelas suas estrelas. Cantoras, cantores e animadores de programas tiveram reconhecimento e fama nacional graças ao rádio. Emilinha Borba, Ary Barroso, Paulo Gracindo, Orlando Silva, Francisco Alves, Marlene, Vicente Celestino foram alguns deles entre muitos outros. Os auditórios ficavam lotados de fãs ávidos por assistirem aos programas humorísticos, musicais,

de auditório e as radionovelas que consagraram cantores, atores e criaram ídolos marcando a cultura brasileira.

Os programas jornalísticos também estavam presentes, o representante mais famoso foi o “Repórter Esso” que deixou sua marca na história do rádio brasileiro pela sua credibilidade e popularidade. A “Era de Ouro” é marcada pelo poder do rádio de influenciar a população criando modismos, alterando comportamentos e instigando a imaginação do ouvinte com todo o seu glamour. Apesar da popularidade do rádio, “a própria espetacularização que marcava os programas de rádio, não proporcionava condições para se estabelecer uma interação mais direta e pessoal com os ouvintes.” (MOREIRA, 2001, p. 82).

Neste período, o Brasil era governado por Getúlio Vargas que ficou no poder desde a chamada Revolução de 30 a 1945 e de 1950 a 1954, quando se suicidou. Homem consciente do poder da comunicação de massa utilizou toda a potência do rádio de acordo com seus interesses. Controlou a mídia através do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) e usou-a como instrumento de propaganda política.

Mas o primeiro estatuto específico da Radiodifusão no Brasil só foi promulgado após a Revolução de 30, mais precisamente, em 27 de maio de 1931, por meio do Decreto n.º20.047, assinado por Getúlio Vargas, então chefe do governo provisório. Percebendo o efeito que o novo veículo provocava, as autoridades revolucionárias começaram a se preocupar com a sua regulação definindo, então, a radiodifusão como “serviço de interesse nacional e de finalidade educativa”. Um ano mais depois, através do Decreto n.º21.111, de 1º de março de 1932, autorizou a veiculação de propaganda, limitada a 10% do tempo de transmissão. (JAMBEIRO, 2004, p. 49).

Esta decisão foi responsável por possibilitar ao rádio seu desenvolvimento. Ainda segundo Jambeiro com o crescimento da radiodifusão, atrelado ao crescimento das cidades e da industrialização, agências de propaganda americanas se interessaram pelo mercado brasileiro. Estas agências tiveram papel importante, pois passaram a destinar verbas, até então dirigidas aos jornais e revistas, para o rádio.

Convencendo seus clientes a veicular anúncios no novo meio, e ao mesmo tempo estimulando o rádio a usar uma programação mais popular, eles se constituíram num dos mais importantes fatores para a consolidação das emissoras. Mais que isso, na verdade, estas agências estrangeiras tiveram um decisivo papel na elaboração e sedimentação de uma economia para o rádio: elas produziam ou ajudavam a produzir programas voltados para as novas massas consumidoras e, em seguida, negociavam a venda das audiências a seus anunciantes. Carreavam, assim, verbas publicitárias para o rádio, moldando a radiodifusão brasileira à imagem do sistema comercial americano. (JAMBEIRO, 2004, p. 17).

3.2.2. Surgimento da televisão e decadência do rádio

Com o surgimento da televisão no Brasil, na década de 50, atores, humoristas, locutores, apresentadores e outros profissionais de rádio migraram para as emissoras de televisão. O rádio perde cada vez mais sua audiência e renda publicitária. A crise financeira pela qual o rádio passou nas décadas de 60 e 70, foi fundamental na criação de um novo modelo profissional e de programação, já que manter o mesmo formato das décadas passadas exigia altos investimentos. Assim, os programas de humor são trocados por programas musicais e radionovelas e programas de auditório por serviços de utilidade pública. Na década de 70, surgem no Brasil as rádios FM com uma grade musical mais ampla, já que os programas musicais ao vivo acabaram, surgindo assim os profissionais que escolhem as músicas, os DJ's.

O rádio, como as demais mídias de massa, também sofreu, a partir de 1964, com a ditadura militar e a censura. Em 1967, o programa “Repórter Esso” chega ao fim. O rádio de pilha populariza ainda mais esta mídia possibilitando maior mobilidade e as rádios FM continuam crescendo. O rádio passa a ser mais intimista em detrimento do rádio espetáculo e sua programação é realizada em um pequeno estúdio.

Nos anos 90, as rádios FM ganham a audiência das rádios AM, muitas das quais são compradas por igrejas evangélicas que começam a transmitir uma programação diferenciada. As rádios se segmentaram, atendendo a demanda de seus variados públicos, criando linguagens radiofônicas diferentes para cada um deles. O rádio reconquistou seu espaço entre a audiência devido a sua aproximação com os ouvintes. A participação direta do ouvinte ficou mais fácil através da sua presença física nos estúdios, uso de cartas, do telefone e, mais recentemente, dos meios digitais, como e-mails e chats, que permitem a participação em tempo real e uma relação mais próxima entre comunicador e ouvinte e entre os próprios ouvintes. Essa interatividade torna a relação entre audiência e comunicador mais próxima.

De acordo com Carlos Eduardo Esch, os avanços tecnológicos não significam somente uma mudança na estrutura da mídia rádio, na sua transmissão, mas também do perfil da audiência, da estratégia comercial e da produção e apresentação dos produtos e programas que são disponibilizados. Apesar de todos os recursos tecnológicos que melhoram a transmissão sonora, a rapidez e qualidade na produção de material, a condução dos programas pelos comunicadores é essencial para que haja uma relação de companheirismo e interatividade entre o rádio e seus ouvintes. O rádio que chega mais próximo da sua audiência e que conquista sua fidelidade é aquele que tem comunicadores que tem uma relação de intimidade, afetividade e credibilidade com o ouvinte. (MOREIRA, 2001, p. 79)

3.3 Rádio digital e na Internet – Uma nova maneira de fazer rádio

A partir do ano 2000, com a popularização da internet, o rádio tem sofrido uma profunda mudança. A possibilidade de ouvir notícias e músicas pela internet tem tirado o sono de muitos proprietários de rádios, mas também tem aberto o debate sobre o modo de fazer rádio

daqui para frente. O rádio na web vai muito além de escutar uma lista de músicas divididas por gêneros musicais ou a transmissão da programação de uma rádio que já existe.

Quando surgiram os primeiros sites de jornais, eles transpunham literalmente o que havia nas suas edições de papel para o formato web, depois evoluíram e foram criando um formato de jornal específico para internet com conteúdo e diagramação diferenciados. É o que deve acontecer com o rádio digital. Daqui a alguns anos esta tecnologia começará a se popularizar e a descobrir suas características próprias e as novas necessidades dos ouvintes, ou seja, uma nova maneira de apresentar e acessar notícias, informação, música, entretenimento.

3.3.1 Novas tecnologias, novas perspectivas

A digitalização dos acervos radiofônicos e do material produzido pelas rádios já é uma realidade. Cada vez mais emissoras têm páginas na internet onde disponibilizam sua programação, além de conteúdo complementar sobre bandas, artistas, álbuns e notícias.

Segundo Prado,

Esse contexto provoca a reformulação do modo de fazer rádio hoje em dia. Não basta ter apresentadores, noticiários e programação musical. O surgimento das rádios na Web incita radialistas a pensarem de modo abrangente, que inclua a versão na Internet, evitando que sejam passados para trás pelas demais. (PRADO, 2006, P. 158)

Com o advento do rádio digital, as emissoras que transmitem em AM se beneficiarão com uma melhoria na qualidade das transmissões. A qualidade sonora será como a das emissoras FM, que por sua vez, terão qualidade ainda melhor nas transmissões. Equipar uma rádio para a transmissão digital ainda é muito caro, o que presumidamente diminuiria o surgimento de

rádios piratas. No entanto, as pequenas rádios e as comunitárias não teriam condições de se beneficiar desta tecnologia. A radiodifusão digital mudará totalmente a maneira de ouvir e produzir rádio, já que este veículo se tornaria multimídia, possibilitando o acesso a outros tipos de informação e participando da convergência tecnológica, unindo vários serviços e formatos em um único aparelho, que pode ser o celular. A interatividade entre ouvinte e rádio seria maior e mais ampla e os conteúdos necessariamente teriam que ser repensados para esta nova forma de escutar.

3.4 O rádio como arma

O rádio é importante durante tempos de paz, mas em tempos de guerra ele é fundamental para manter a comunicação dos grupos políticos com seus aliados e a população. Quando se declara um conflito uma das primeiras e mais importantes ações a serem tomadas é de destruir, fechar ou controlar os meios de comunicação, principalmente as rádios que abrangem um grande território e repassam informações instantaneamente, inclusive para fora das fronteiras geográficas de um estado. Este controle visa a dificultar a ação inimiga. Foi assim durante a primeira e segunda guerra mundial, onde os envolvidos nos conflitos utilizaram o rádio para se comunicar com suas tropas, dando ordens e informações sobre as posições inimigas.

Além deste tipo de ação o rádio foi e é muito usado na guerra psicológica, onde o que está em jogo não é conquistar terreno, mas as mentes e corações da população. Assim, “Para consolidar a imagem paternalista do Estado e manter a ideologia do regime, tanto Mussolini quanto Hitler lançaram mão da propaganda política. Para isso, utilizaram fortemente a incipiente indústria de comunicação de massa, principalmente o cinema e o rádio, num

processo de massificação da opinião pública.” (JAMBEIRO, 2004, p. 31). Este tipo de ação foi e é usada em todas as guerras do século XX e início do XXI, como em Angola e Iraque. A guerra psicológica costuma ser eficiente e crucial para a vitória ou derrota, pois conquistando ou coagindo a população ela pode atrapalhar/ajudar as tropas. Segundo Armand Mattelart, minar a moral do adversário é tão importante quanto as operações de desinformação, produção de falsas notícias e disseminação de rumores sobre o potencial das forças armadas inimigas (MATTELART, 1994).

Operar equipamentos de radiodifusão é relativamente simples, são facilmente carregados e montados, mais uma vantagem para este tipo de mídia em relação às outras. A importância estratégica do rádio é vital em qualquer sociedade em paz ou em guerra. As rádios também são armas durante os conflitos, tanto nas “trincheiras” quanto na guerra psicológica, pois tem o poder de controlar e adulterar informação, fazer propaganda, mudar a opinião pública e convencer multidões. Todos os governos sabem do poder desta mídia, daí o controle oficial que algumas nações têm sobre o rádio.

3.5 Breve histórico político de Angola

3.5.1 País sitiado

Desde o século XVI os europeus estão na África, sobretudo no litoral de onde comercializavam escravos para as Américas e Europa. No século XIX a ocupação do território africano se intensificou com a conquista do interior do continente. Esta ocupação deveu-se à necessidade das potências coloniais de obtenção de matérias primas (ouro, marfim, minérios, etc) e desenvolvimento de mercados consumidores para seus produtos

industrializados. A disputa pela África culminou com a Conferência de Berlim em 1884, em que as potências coloniais dividiram o continente entre si de maneira geométrica não respeitando as características e problemáticas de cada região.

A descolonização dos países africanos teve seu auge nas décadas de 60 e 70. Com a conquista da independência muitos países, principalmente da chamada África Negra ou Subsaariana entraram em guerra civil. Na briga pelo poder econômico e político existia o agravante de que em um mesmo país existiam diferentes grupos étnicos, com divisões religiosas e lingüísticas que tornaram ainda mais complexa e difícil a convivência pacífica entre eles. Em Angola não foi diferente.

Os conflitos em Angola começaram ainda durante o período colonial. A luta pela independência de Portugal se estendeu de 1961 a 1974. Os movimentos anticolonialistas eram representados pelo Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA) e Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), que com a independência passariam a lutar entre si. Em 11 de novembro de 1975 Angola se torna independente de Portugal. Mesmo tendo uma política externa de apoio aos EUA, o Brasil foi o primeiro país a reconhecer a independência de Angola e o governo comunista do MPLA, causando descontentamento nos setores mais conservadores do governo militar de Ernesto Geisel (1974-1979). Esta decisão foi estratégica, política e econômica e possibilitou uma relação privilegiada entre os dois países. A partir deste mesmo ano, começou a guerra civil entre o governo angolano, representado pelo MPLA e, principalmente, a guerrilha da UNITA.

Somente na década de 1980 o comércio entre Brasil e Angola aumentou consideravelmente.

O país desbancou a África do Sul como maior parceiro regional do Brasil. Angola e Nigéria

se tornaram os grandes parceiros brasileiros no Atlântico Sul, tendo o petróleo como produto principal a ser negociado (PANTOJA, 1999).

Desde a independência até a década de 1990, a guerra civil também teve caráter ideológico. O MPLA, de orientação marxista, era apoiado pela URSS e Cuba, enquanto a UNITA, de orientação capitalista, era apoiada pelos governos dos EUA e da África do Sul. A guerra civil angolana contou com grande interferência de outros países que visando seus próprios interesses apoiaram um dos lados do conflito. Países europeus (Bélgica, Portugal, França), Estados Unidos, Marrocos, Burkina Faso, Togo, países da África central (Zâmbia, República Democrática do Congo, ex-Zaire, Congo) da região dos grandes lagos (Uganda e Rwanda) e da África austral (África do Sul e Namíbia) influenciaram o conflito através de cooperação com a UNITA, de forma direta ou indireta, negociando armas e diamantes, dando acesso a seus portos, apoio logístico e permitindo o uso de seus territórios (Relatório Fowler, 2000).

Durante a guerra fria a dicotomia entre as superpotências alimentou a guerra civil angolana ideologicamente e principalmente com dinheiro e armas. Resultando em “(...) um saldo trágico de meio milhão de mortos, cerca de 4 milhões de refugiados e uma multidão de mutilados, vítimas de minas terrestres. Como uma herança perversa do conflito, estima-se que haja 6 milhões destas minas em Angola. Outro lado da moeda: num país com uma taxa de desemprego brutal (alguns estimam em 70%), o limpador de campos de minas é um dos poucos empregos abundantes em Angola.” (OLIC, 2004, p. 116).

Angola tem duas áreas geográficas principais, a planície litorânea, onde se concentra a maior parte da população, principalmente no entorno de Luanda (com aproximadamente 4,5 milhões de habitantes) e o planalto no interior do país que cobre grande parte do território. As regiões interioranas são pouco povoadas e a população se dedica principalmente à agricultura. Estas características resultam em uma oposição entre litoral X interior e cidade X campo que deve

ser levada em conta para o melhor entendimento da guerra civil, de suas características e conseqüências. As populações que vivem nestes espaços geográficos distintos acabaram também por se oporem umas as outras, sobretudo porque durante o domínio colonial português as diferenças étnicas foram reforçadas e o tribalismo incentivado. O MPLA representava principalmente as populações e etnias da faixa litorânea enquanto a UNITA representava as populações do interior do país que se sentiam discriminadas, antes da independência pelos portugueses e depois pelo governo do MPLA.

Depois do fim da guerra fria, no início dos anos de 1990, os oponentes, MPLA e UNITA, perderam seus financiadores internacionais (URSS e EUA). É assim que o petróleo e os diamantes, principais recursos do país, passam a financiar os últimos 12 anos de guerra civil. O governo usou as divisas do petróleo e a UNITA as divisas advindas da venda ilegal de diamantes, retirados das suas áreas de domínio, principalmente no nordeste do país.

Em 1991, foi assinado o Acordo de Bicesse, em Portugal, que previa a realização de eleições livres e democráticas, que aconteceram em 1992, o então presidente José Eduardo dos Santos estava na frente com 49,57% dos votos o que significava a ida para o segundo turno. No entanto, receoso o líder da UNITA, Jonas Savimbi, alegou fraude nas eleições e se retirou da disputa reiniciando a guerra. "... (a UNITA) refugiou-se no interior do país, onde deu curso a actos de violência contra as populações, à pilhagem de bens e à destruição de infra-estruturas, a um nível nunca antes atingido." (ABRANTES, 2005, p. 62). Em 1994, foi assinado o Protocolo de Lusaka (Zâmbia), em que a UNITA prometia entregar os campos de diamantes sob sua tutela e desarmar a guerrilha, enquanto o governo daria a vice-presidência ao seu líder. No entanto o acordo não foi cumprido reiniciando a guerra. Mais uma vez Jonas Savimbi não cumpriu as resoluções previstas nos acordos de paz realizados. Com as violações sucessivas dos acordos de paz pela UNITA e a clara intenção em promover o conflito armado

o grupo foi perdendo apoio (inclusive de seus próprios membros que começaram a desertar) e aumentando seu isolamento internacional. O governo de Angola tinha como política a reintegração de ex-militares da guerrilha e acenou com esta possibilidade também ao seu líder.

Muitos foram os que acederam a este apelo e abandonaram as armas, reintegrando-se harmoniosamente na vida nacional. Jonas Savimbi e um grupo de radicais apoiantes das suas teses belicistas preferiram continuar um desesperado combate por uma causa já sem qualquer sentido, enveredando por crescentes práticas terroristas contra as populações civis e pela destruição de tudo o que encontravam pela frente. (ABRANTES, 2005, p. 73)

A guerra civil angolana durou 27 anos, terminando em 2002, com a morte em combate do líder da UNITA. Líder carismático e controverso, Jonas Savimbi é conhecido pela sua violência e crueldade. São muitos os episódios narrados pela população angolana de atrocidades cometidas. Por descumprir os acordos de paz sucessivamente a ONU impôs sanções à UNITA, muitas das quais não foram cumpridas. Savimbi foi um dos mais ferozes senhores da guerra. Atualmente a UNITA está integrada plenamente à vida política do país e é um dos principais partidos políticos de Angola.

A República de Angola chega assim aos Acordos de Paz de Abril de 2002 com a sua economia arruinada (excepto a indústria petrolífera), com mais de um terço da população deslocada e carenciada de serviços básicos, com suas principais infra-estruturas destruídas ou paralisadas, com inflação de preços e desvalorização monetária, bem como com reduzidos índices de desenvolvimento humano. (ABRANTES, 2005, p. 156)

Eleições legislativas e presidenciais estão previstas para 2008 e 2009, mas ainda não foram marcadas pelo presidente da república José Eduardo dos Santos. Segundo presidente de Angola, substituiu Agostinho Neto, em 1977 e está no governo há 25 anos.

As relações entre Brasil e Angola têm importância estratégica para os dois países. É possível que elas voltem a crescer devido aos interesses econômicos e políticos.

Há igualmente outros fatores que animam a continuação da política angolana do Brasil. Das razões pragmáticas da oferta do petróleo angolano às razões estratégicas da defesa de um ambiente de paz e cooperação no Atlântico Sul, os elementos para continuação de uma agenda com Angola estão vivos e parecem demonstrar que há algo mais profundo, historicamente enraizado nas rotas do Atlântico Sul em vários séculos, nos intercâmbios que vinculam brasileiros e angolanos (PANTOJA, 1999, p. 252).

3.5.2 Perfil do país: Geografia política e física

Angola foi colônia de Portugal até sua independência, em 11 de novembro de 1975. A luta anticolonialista durou 13 anos (1961-1974) e a guerra civil 27 (1975-2002). Em 1992 o regime monopartidário se torna multipartidário, acontecendo a primeira eleição democrática, com a vitória do então presidente José Eduardo dos Santos. O poder é dividido em três: executivo, legislativo e judiciário. Dos 17 partidos presentes nas eleições legislativas de 1992, 11 tem representantes na Assembleia Nacional. O MPLA conta com 129 representantes, a UNITA com 70, Partido Renovador Socialista (PRS) com 6, Frente Nacional para Libertação de Angola (FNLA) com 5 e o Partido Liberal Democrático (PLD) com 3.

Angola é um país rico em recursos minerais. Segundo o site do Consulado Geral de Angola no Rio de Janeiro, “estima-se que o seu subsolo alberga 35 dos 45 minerais mais importantes do comércio mundial entre os quais se destacam o petróleo, gás natural, diamante, fosfatos, substâncias betuminosas, ferro, cobre, magnésio, ouro e rochas ornamentais.”

“Angola é o segundo produtor de petróleo da África e está entre os cinco maiores produtores mundiais de diamantes. O petróleo responde por cerca de 90% das exportações oficiais do país. Cerca de dois terços da produção são obtidos no enclave de Cabinda,(...)” (OLIC, 2004,

p. 114). A Sociedade Nacional de Petróleos de Angola (SONANGOL) é a empresa estatal responsável pelo setor e pelas concessões, na maioria para empresas estrangeiras. É o petróleo, com sua receita que financia a reconstrução da infra-estrutura do país, deteriorada e destruída pelos longos anos de guerra.

A Empresa Nacional de Diamantes de Angola (ENDIAMA) controla as jazidas de diamantes e é responsável por parcerias com empresas interessadas no setor. O país tem grande potencial econômico, apesar do atraso provocado pela destruição das infra-estruturas. Entre estes mercados potenciais estão a piscicultura, agricultura, pecuária e turismo, exploração de minerais.

A grande tradição agrícola do país foi interrompida pela guerra e dificultada pelo grande número de minas terrestres presente no seu solo. Entre a população é comum ouvir que os alimentos produzidos no interior encontram grandes dificuldades para chegar até a capital devido à falta de infra-estrutura rodoviária, o que acarreta entre outras coisas, a necessidade de importação de gêneros básicos de subsistência que poderiam ser produzidos no próprio país, além do encarecimento do custo de vida em Luanda e a falta de renda da população do interior, que não consegue comercializar o que produz.

De acordo com o site do Consulado Geral de Angola no Rio de Janeiro os principais problemas ambientais enfrentados são: a desertificação ao sul, o desmatamento ao norte, erosão dos solos, diminuição da biodiversidade graças a pressões populacionais, formação de pastagens intensivas, poluição de rios e falta de água potável e sua distribuição.

O país é dividido em dezoito províncias (Bengo, Benguela, Bié, Cabinda, Kuando-Kubango, Kwanza-Norte, Kwanza-Sul, Kunene, Huambo, Huíla, Luanda, Lunda-Norte, Lunda-Sul, Malange, Moxico, Namibe, Uíge e Zaire). Angola está situada na África Austral, é banhada

pelo Oceano Atlântico a oeste, a leste faz fronteira com Zâmbia e República Democrática do Congo, a norte com o Congo e a sul com a Namíbia.

Figura 1. Mapa de Angola



Fonte: Enciclopédia Britânica, 1998. Disponível em:
<http://www.spanport.ucsb.edu/faculty/mcgovern/Angola/angola.html>

No litoral existe uma faixa árida, que se estende desde a Namíbia, chegando próximo a Luanda. No interior do país a formação geográfica dominante é o planalto, savana no sul e no norte predomina a floresta tropical. Angola tem um grande potencial hidrelétrico e seus principais rios são o Kwanza, o Zaire, o Cunene e o Cubango. O ponto mais alto do país é o Monte Moco (2.620 m), na província do Huambo. A língua oficial é o português, mas existem várias línguas nacionais, entre as quais o Umbundu, Kibundo, Kikongo, Lunda, Fiote, Tchokwe, Kwanyama, Luvale. 75% dos angolanos são católicos, 15% de protestantes e cerca

- * A expectativa de vida para os homens é de 40 anos e para as mulheres de 43 anos (Estes são os melhores índices desde 1980).
- * A cada mil crianças de zero a cinco anos, 31 sofrem de desnutrição e peso abaixo do normal.
- * Em 1999, a população se dedicava 4 anos em média à escola.
- * A quantidade de filhos por mulher é de 6.6.
- * A população é de aproximadamente 12 milhões de pessoas.
- * Em 2007 a taxa de mortalidade infantil era de 184 para cada mil nascidos vivos.
- * 47% da população não tem acesso a água encanada.
- * 70% da população vive abaixo da linha de pobreza.

3.6 Histórico recente dos meios de comunicação em Angola

A imprensa angolana nasce, em 1845, com o surgimento do Boletim Oficial, “(...) meio através do qual o então governo colonial difundia as actividades correntes da colónia, despachos legais, assuntos do clero religioso, teatro e outros.” (VUNGE, 2006, p. 23 e 24). Ainda na segunda metade do século XIX, vários periódicos proliferaram, alguns não passaram do primeiro número. Abordavam temáticas ligadas a cultura, economia, política e literatura. O primeiro periódico a ser impresso no país foi o *Aurora*, em 1885. Estes periódicos eram feitos por profissionais de várias áreas (advogados, padres, artistas, etc), mas com o passar do tempo, foram se profissionalizando. Esta fase é marcada pelo surgimento do jornal *A província de Angola*, em 1923, atual Jornal de Angola.

Segundo Patrick Alumuku, a rádio na África surge para atender a uma elite bem educada formada pelos colonizadores europeus e seus descendentes e por um pequeno número de africanos instruídos. Os programas apesar de se dirigirem para toda a população não atingiam

a parte mais pobre, devido principalmente a aplicação de modelos de comunicação importado das metrópoles.

“Na África Austral, o serviço de radiodifusão teve início, na África do Sul a 18 de Dezembro de 1923, data que aconteceu a primeira emissão de rádio sem fio em Joanesburgo.” (BUMBA, 2007, p. 16). A África do sul, é uma referência em relação a parte sul do continente, pois foi onde se deu a primeira emissão radiofônica e onde a radiodifusão está melhor regulamentada e desenvolvida.

3.6.1 Rádio clubes

A radiodifusão em Angola começou na cidade de Benguela, em 28 de fevereiro de 1933, graças ao rádio amador Álvaro de Carvalho, emitindo com o equipamento CR6 (CONCEIÇÃO, 2007, p.36). O fenômeno das rádio clubes foi essencial no desenvolvimento da radiodifusão angolana destacadamente, no período de 1937 a 1967. Em 1937 foi criado o rádio clube de Angola e em 1943, entra em funcionamento as rádio clubes do Huambo e Huíla (VUNGE, 2006). Segundo Sebastião Coelho, durante quase meio século o movimento Rádio-Clubismo acompanhou em Angola o entusiasmo mundial gerado pela descoberta da radiodifusão e foi um dos motores fundamentais para o progresso cultural da colônia.

Em 1949, a radiodifusão no país passa para uma nova etapa, a do profissionalismo, com a contratação de jornalistas pela Rádio Clube do Huambo e de uma equipe de profissionais. Em 1954, a emissora católica de Angola, a Rádio Ecclésia, vai ao ar. Em 1955, é criada a Emissora Oficial de Angola e, em 1967, acontece o I Colóquio de Radiodifusão de Angola. A Emissora Oficial de Angola, rádio estatal criada durante o período colonial, passou a se chamar Emissora Nacional de Angola e depois da independência do país, em 1975, Rádio Nacional de Angola, nome que tem até hoje.

Baseando-se nos textos de Adebayo Vunge, Ismael Mateus, Sitânio Bumba, Sebastião Coelho e Joaquim Paula da Conceição a autora dividiu assim a radiodifusão em Angola:

Período Colonial: surgimento e primeiros passos da rádio e aprimoramento da técnica. Desenvolvimento do rádio clubismo, surgimento da radiodifusão profissional e criação da emissora oficial do estado. O MPLA, movimento que lutava pela independência de Angola, combatia o governo colonial, também, através das suas emissões a partir da vizinha Zâmbia e Congo-Brazaville. O programa *Angola Combatente* era transmitido por ondas curtas. Algumas emissoras defendiam a descolonização e outras a continuidade da mesma. O governo colonial dispunha de rádios para difundir mensagens desencorajando a opinião pública em relação à independência do país. Surgimento de programas de variedades nas rádio-clubes onde as pessoas tocavam e cantavam, no começo de modo amador e depois de maneira profissional.

Período Pós Independência: com o fim da época colonial ainda havia resíduos da estrutura que vigorava, assim restaram várias emissoras particulares, as Rádio Clubes. Com a instabilidade gerada pela luta de independência e a incerteza em relação ao futuro, muitos profissionais, na sua maioria portugueses ou descendentes, fugiram de Angola deixando sem funcionamento muitos órgãos e empresas governamentais, inclusive na área da comunicação social. “Esta é efectivamente uma perspectiva histórica que assistimos durante os primeiros anos do mono-partidarismo, da independência nacional e do estado da imprensa que estava sufocada por um controlo bastante cuidado, sobretudo devido ao papel que os órgãos de comunicação massiva desempenhavam na sensibilização da população nacional para as causas da defesa da soberania nacional e a liberdade do povo angolano.” (VUNGE, 2006,

p.29). O rádio foi essencial na evolução e difusão da música popular angolana que atingiu seu momento áureo depois da independência do país, período marcado pelos sentimentos nacionalistas que desempenharam papel importante na mobilização da população (COELHO, 1999).

Período do Monopólio Estatal: nos primeiros anos após a independência todos os meios de comunicação, foram estatizados, ou fechados (exceto a rádio Ecclésia). A população contava com os serviços da Rádio Nacional de Angola, presente nas 18 províncias do país, Jornal de Angola e a agência nacional de notícias Angola Press (ANGOP), criada depois da independência. Em 1973, ainda sob domínio colonial, é criada a Radiotelevisão Portuguesa de Angola (RPA) que em 1976 é nacionalizada e passa a se chamar Televisão Popular de Angola (TPA). Até então o rádio é o único veículo de comunicação de massa. A TPA, única televisão a transmitir no país, passa em 1997, a se chamar Televisão Pública de Angola. Além dos meios de comunicação estatais só os veículos da UNITA circulavam no país. A rádio VORGAN (Voz da Resistência do Galo Negro), emitia a partir dos países limítrofes e o jornal Terra Angolana tinha publicação irregular.

A partir da escolha ideológica de editores e jornalistas era possível manter o controle das redações, mesmo assim a censura e depois a auto-censura eram práticas recorrentes no dia-a-dia dos profissionais da área. A ideologia era usada como fio condutor das políticas editoriais, onde era permitido ocultar, modificar e manipular a informação de acordo com os interesses do governo. Segundo Adebayo Vunge alguns jornalistas, apesar de trabalharem sob pressão ideológica, censura e forte controle estatal do que era produzido e veiculado, tiveram que comparecer ao Departamento de Informação e Propaganda (DIP) para prestar

esclarecimentos. Este órgão equivaleu, no Brasil, ao Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) que tinha, entre outras atribuições, a de censurar os meios de comunicação dos governos militares brasileiros.

Os mídia eram parte importante da estrutura de propaganda e educação política usados pelo governo do MPLA para sensibilizar a população, sobretudo durante o longo período de guerra civil. A atenção dispensada aos veículos de comunicação era grande tanto que havia cursos para formação profissional dos jornalistas.

Período de abertura da comunicação: Com abertura ao multipartidarismo, foi aprovada a primeira Lei de Imprensa em Angola. O monopólio estatal das publicações impressas e do rádio foi quebrado e o setor foi aberto para a iniciativa privada. Atualmente, nove jornais circulam em Luanda, sendo que o estatal Jornal de Angola é o único diário. Em 1991, é sancionada a primeira Lei de Imprensa que defende a liberdade de expressão e de imprensa e a abertura ao capital privado da radiodifusão e do mercado de publicações impressas (BEMBOM, 2006, p.42). A Rádio Nacional de Angola (RNA) monopolizou a emissão radiofônica até 1992, quando acontece a abertura para o capital privado. Neste ano, surge a Luanda Antena Comercial (LAC), primeira rádio privada de Angola.

Se a Unita vencesse as eleições, seria governo e como tal passaria a comandar todos os meios de comunicação social do país devido ao monopólio estatal. (...) A Unita colocaria a sua gente nos lugares chave e pura e simplesmente o MPLA ficaria sem voz. Foi este pânico que determinou a rotura do sistema monopólico da radiodifusão vigente. (COELHO, 1999, p.129)

Nascem os semanários Comércio Actualidade, Folha 8, Imparcial Fax, Agora, Angolense, entre outros. A Rádio Ecléssia, pertencente à igreja católica, após seu fechamento, em 1977, foi reaberta em 1997.

3.7 Novos rumos para a comunicação

As rádios privadas só podem transmitir em FM, assim como a maioria está localizada em Luanda, ao interior do país continua chegando somente a RNA. Em 2006, foi apresentada uma nova Lei de Imprensa entrou em vigor no mesmo ano, mais moderna e ampla, onde o monopólio estatal da televisão é quebrado. A TPA transmite por dois canais que alcançam as capitais das 18 províncias e é a única emissora com sinal aberto. A presença de canais pagos, por assinatura, é grande, entre estes estão a Globo e Record Internacional, bastante apreciadas.

Apesar da abertura significativa, ainda é difícil abrir emissoras de rádio no país ou conseguir autorização para transmissão em todo o território nacional, como foi pleiteado pela Rádio Eclésia e negado pelo governo. A única emissora de radiodifusão de alcance nacional continua sendo a Radio Nacional de Angola, pertencente ao estado e que se subdivide em cinco canais. As rádios privadas concentram-se na capital Luanda, onde transmitem a Luanda Antena Comercial (LAC), Rádio Eclésia, Rádio Despertar, ex-Vorgan. De Benguela, transmite a Rádio Morena FM, de Cabinda, Cabinda Antena Comercial e do Lubango (Huíla), Rádio 2000. A Rádio Escola ligada ao Centro de Formação de Jornalistas (CEFOJOR) e a Voz da América (VOA) que conta com uma programação em português para Angola também podem ser ouvidas. Ao todo são seis emissoras privadas funcionando no país.

3.8 Breve histórico da Rádio Nacional de Angola, Rádio Eclésia e Rádio Luanda Antena Comercial.

3.8.1 Rádio Nacional de Angola (RNA)

A Radio Nacional de Angola (RNA) é uma empresa pública de radiodifusão, única a cobrir 90% do território nacional (BUMBA, 2007, p. 19). Seu atual diretor geral é Eduardo de Sousa Magalhães, indicado através do Ministério da Comunicação Social, na figura do ministro e ex-diretor geral da RNA, Manuel Rabelais. A RNA está presente em todas as províncias, com dezoito emissoras provinciais, sete emissoras regionais, seis locais, um centro de formação de jornalistas e trinta centros de transmissão. A RNA transmite seus programas em português e em catorze línguas nacionais. A programação internacional é transmitida em português, inglês, francês e Lingala (língua falada na República Democrática do Congo).

A RNA é um grupo de radiodifusão formada pelos canais: Canal A, N'gola Yetu, FM Stéreo, Canal 5 e Rádio Luanda. As transmissões são feitas através de uma rede nacional de emissores: sessenta e um em frequência modulada (FM), vinte e três em ondas médias (OM) e dez em ondas curtas (OC). Os cinco canais da Rádio nacional de Angola são:

*** Canal A**

É o principal representante do grupo RNA, é um canal generalista que abrange todos os públicos e emite 24h por dia. A programação está dividida entre programas de caráter noticioso (jornais a cada hora mais dois principais as 13 e 20h, que são transmitidos em cadeia nacional por todos os canais do grupo RNA e flashes informativos) e de caráter não noticioso, que abrange os programas educativos, culturais e de entretenimento.

No site do Canal A, na seção de objetivos, é possível encontrar a seguinte afirmação: “são permanentes os esforços de renovação para melhorar, para manter a confiança dos ouvintes.

Sendo a mais generalista de todas as estações radiofónicas do grupo RNA, a antena "A" afigura-se fundamental para o mosaico étnico, cultural, económico, linguístico e social da Nação angolana.”

*** Rádio Luanda**

Também conhecida como rádio Kianda (sereia), transmite 24h por dia. Sua transmissão e programação são voltadas somente para a capital Luanda.

*** FM Stéreo**

Transmite 24h por dia, é direcionada somente para música. Transmite entrevistas com músicos e cantores, notícias ligadas à música, especiais, etc. Sua programação inclui música internacional (jazz, pop rock, clássica, entre outros gêneros) incluindo as obras dos melhores artistas africanos, além de música angolana. A estação foi criada em 1981 atendendo a grande demanda de estrangeiros no país.

*** Rádio 5**

Canal voltado para o esporte, transmite campeonatos de várias modalidades esportivas de Angola e do mundo. Sua programação é composta de transmissões dos principais campeonatos de futebol, de Angola e Europa, além de entrevistas e debates sobre esporte.

Cobre os maiores eventos esportivos mundiais, como as Olimpíadas, jogos pan-africanos e campeonatos dos principais esportes. Transmite, também ao vivo, jogos de futebol, handebol

e basquete. Emite 19h por dia. Foi criada em 1995, devido a grande potencialidade e audiência para esportes no país.

3.8.1.1 Línguas Nacionais na RNA

A Rádio Nacional de Angola é a rádio que mais contribui com a transmissão em línguas nacionais através de um canal exclusivo, o N'gola Yetu. Apesar do surgimento do canal somente na década de 90, a RNA já tinha um núcleo de línguas nacionais que produzia material nas diversas línguas do país e que era divulgado pela própria rádio. Desde o surgimento do rádio em Angola, ainda com as rádio clubes as línguas nacionais já eram usadas como forma de chegar mais facilmente a grande parte dos ouvintes.

Patrick Alumuku afirma que as culturas na África são em sua maioria comunitaristas e a comunidade permanece sendo um fator vital na tomada de decisões e na solução de problemas institucionais da sociedade. Mesmo assim, é precisamente a capacidade comunicativa das comunidades locais que tem sido deixada de lado nas concepções de comunicação para o desenvolvimento (ALUMUKU, 2005, p. 55 e 56). Na tentativa de estabelecer uma política de comunicação mais eficiente o uso das línguas tradicionais é essencial. Devido às peculiaridades das realidades africanas, a difusão de informação nas línguas tradicionais do continente é uma necessidade.

Apesar das línguas oficiais de muitos países serem as dos colonizadores (principalmente inglês, francês e português), é essencial para estabelecer uma boa comunicação entre as diversas etnias a divulgação de informação nas línguas de cada região. Além disso as línguas nacionais são fundamentais para a preservação da identidade cultural dos povos.

Em Angola essa necessidade se justifica pela falta de domínio do português por parcelas consideráveis da sociedade, da facilidade na compreensão das mensagens transmitidas nas línguas maternas e por alcançar parte da população que não seria atingida somente com transmissões em português (BUMBA, 2007, p. 27). As transmissões em línguas nacionais têm como público alvo principalmente as populações do interior do país e das regiões suburbanas, inclusive de Luanda. Dominar uma língua é ter poder. Este domínio pode ser usado para promover a unidade nacional, o intercâmbio de experiências, divulgação de costumes e tradições e para o diálogo entre etnias diferentes.

De acordo com Sitânio Bumba, durante o período colonial programas em línguas nacionais veiculados nos meios de comunicação, principalmente nas rádios, eram usados como forma de dividir a população, incentivar o ódio étnico, o racismo e o tribalismo, além de servir como meio de propaganda do governo colonial (BUMBA, 2007, p.28). A questão do tribalismo em Angola teve grande importância ao longo da história, pois acirrou rivalidades e dividiu a população. As lutas entre os grupos facilitaram a dominação fosse do Estado colonial, do MPLA ou da UNITA, durante a guerra civil. Hoje, o tribalismo parece ter enfraquecido e as rivalidades históricas estão sob controle.

Assim, dominar a transmissão de informações nas línguas nacionais é antes de tudo uma questão estratégica para o país, devido ao seu poder de influenciar a opinião pública do interior. A importância da comunicação em línguas nacionais é assim comentada: “(...) se a língua é um meio de comunicação e expressão à disposição dos indivíduos, ela é também, o produto e o meio de transmissão da cultura nacional, uma maneira de partilhar idéias e de participar na vida económica e social.” (BUMBA, 2007, p. 28).

* N'gola Yetu

Este canal é responsável pela transmissão em línguas nacionais. São transmitidas a partir de Luanda em doze línguas (Bângala, Tchokwe, Fiote, Luvale, Lunda, Kikongo, Kimbundu, Kwanyama, Ngangela, Nyaneka-Humbi, Umbundu, Songo) e através das emissoras provinciais em mais cinquenta e quatro. Transmite 21h por dia. Sua maior audiência está entre as populações rurais, mas o canal também é ouvido pela população urbana e suburbana que utiliza estas línguas.

As instalações para a radiodifusão foram localizadas nas capitais e muitos dos programas eram dirigidos aos grupos urbanos de elite. Mesmo quando o público alvo era a população rural, a programação era produzida por pessoas de setores urbanos com pouco conhecimento ou interesse pelas pessoas das áreas rurais. Os sistemas únicos de radiodifusão nacionais não tinham tempo de programação destinado aos muitos grupos lingüísticos e culturais do interior. (ALUMUKU, 2005, p.54)

Sua programação é prioritariamente voltada para os temas que atingem a população rural do país, como produção agrícola, saúde, direitos humanos, além de entretenimento. Para Sebastião Coelho, o jornalista africano tem de estar bem consciente da africanidade de seu povo. O jornalista que se ocupa das emissões destinadas à cidade, não pode ser o mesmo comunicador que se dirige aos ouvintes das zonas rurais. Este, idealmente, tem de ser uma simbiose de locutor e jogral (COELHO, 1999, p. 120). O site da Rádio Nacional de Angola exhibe o seguinte trecho: “a Rádio N'gola Yetu assenta as linhas mestras do seu labor na consolidação da paz e reconciliação nacionais, incentivando os ouvintes a uma participação total nas tarefas de combate à pobreza, reconstrução de infra-estruturas, solidariedade humana, escolarização massiva, expansão dos serviços sociais e promoção da cultura nacional.”

3.8.2. Rádio Ecclésia

A emissora foi criada em 1954 e é administrada pela Igreja Católica através da Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé (CEAST). Com a instabilidade gerada pela independência grande parte dos seus profissionais abandonou o país, deixando seu funcionamento a cargo de um pequeno número de funcionários. A estatização dos veículos de comunicação não poupou a rádio, que foi fechada em 1977. Somente com a abertura política do país foi possível o retorno da emissora, reaberta em 1997, exatamente 42 anos depois da sua primeira transmissão. Sua emissão é de 24h por dia, com programas de evangelização e de cunho religioso, principalmente aos domingos.

Sua programação conta também com temática “profana”, programas musicais, de entretenimento, educativos, informativos (jornais e debates) e esportivos. Tem correspondentes em todas as províncias do país, que informam os ouvintes dos principais acontecimentos de cada região através do programa *Manhã Ecclésia*. Seus principais jornais são emitidos às 7h, 12h e 18h30. A Rádio Ecclésia é bastante ouvida e dispõe de grande credibilidade perante a sociedade devido a independência em relação ao estado e sua posição editorial.

3.8.3 Luanda Antena Comercial (LAC)

Criada em 1992, quatro dias antes das eleições (VUNGE, 2006, p. 62), é a primeira rádio privada do país. Foi fundada por Luisa Fançony, Mateus Gonçalves e José Rodrigues, ex-jornalistas da Rádio Nacional de Angola. Transmite somente para a capital, 24h por dia. Sua programação é composta de programas de debates, entrevistas, jornais e informativos, além de

programas sobre cultura, música, entretenimento e esportes. Quando a LAC surgiu detinha grande parte da audiência, já que era a única rádio privada do país, o que diferenciava sua programação e postura em relação à sua concorrente, a RNA. Com a abertura de outras rádios, ela viu sua audiência ser dividida. Os jornais são transmitidos às 6h30, 12h30 (durante meia hora) e das 19h às 20h, seu principal jornal. A meia noite é apresentado o último informativo com um resumo do dia. Além da receita publicitária, a rádio vive do aluguel do seu espaço para produtores independentes, como é o caso da Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Bom Deus, que veiculam programas direcionados aos seus fieis. Os programas de debates, que contam com comentaristas e especialistas e os de música são as principais atrações da rádio.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: INFLUÊNCIA E CONTROLE

4.1 Controle social e ideologia

O rádio é um meio de comunicação popular e de grande abrangência em todo o mundo. Está disseminado em todos os países, chega a lugares onde os outros veículos de comunicação não alcançam e atinge grande número de pessoas (ORTRIWANO,1985, p. 78). A primeira metade do século XX foi onde o rádio atingiu seu apogeu, mas perdeu espaço e influência com a popularização da televisão. Porém apesar de não ter a hegemonia na transmissão da informação que tinha, ainda é responsável pela comunicação em várias sociedades, principalmente as menos desenvolvidas e no meio rural.

O rádio pode ser usado como instrumento de controle social. Ele não é responsável somente por vender produtos e criar modismos, mas mobilizar as pessoas e servir de referência social. Tanto em estados democráticos quanto autoritários, ele tem importância estratégica, por isso é controlado de perto. “Ao longo da metade do século XX, houve um aumento do número de países que adotaram o regime de democracia formal. Este fato veio ratificar a importância do papel da mídia e da indústria de entretenimento como instrumento de formação de opinião pública e controle social” (MELO, 2006, p.01). Ainda segundo Filipe Reis Melo, o controle social nos países democráticos é feito de maneira sutil, as pessoas devem ser induzidas a pensar de determinada maneira sem se dar conta desta indução.

A mídia em geral, e o rádio especificamente, podem ser usados como instrumento ideológico e doutrinário, de coesão social e de legitimação política. Como foi usado na Alemanha hitlerista, na União Soviética e em seus países satélites e no Brasil; só para citar os casos mais

conhecidos. O controle social e ideológico pode acontecer de forma desorganizada, não linear, sem o respaldo de um projeto e discurso político explícitos. Ele pode ser usado por aqueles que o controlam para mobilizar, induzir, libertar ou escravizar, manter ou romper com a ordem vigente que está no poder. A utilização do rádio como instrumento de difusão da ideologia que está no poder sempre foi usada pelos governos e por representantes do poder econômico, que geralmente atuam em conjunto. Na maioria dos países o governo controla a radiodifusão através das concessões a terceiros, que podem ser suspensas, e por meio do poder econômico, pois ele se torna um cliente valioso das emissoras comerciais usadas para transmitir propaganda institucional. Assim, o governo pode influenciar a opinião pública e o conteúdo veiculado nas emissoras sem precisar usar a força.

4.2 Rádio regional e especialização

O rádio é o veículo ideal para atender as necessidades regionais, principalmente no que diz respeito à informação e prestação de serviço. Atualmente, ao menos no Brasil, uma emissora nacional já não encontra tanto espaço, pelo contrário, as emissoras regionais têm proliferado e atendem aos interesses e necessidades dos grupos de cada região. Em Angola, no entanto, a Rádio Nacional de Angola detém grande importância e é a única rádio de abrangência nacional. Desde a independência a emissora era a expressão de uma nova nação. No entanto, de nacional só tinha o nome, pois era uma rádio direcionada para Luanda, que abordava seus problemas e suas características deixando o restante do país sem representatividade. O erro de achar que Luanda é Angola é secular, mas se agravou com a independência do país (COELHO, 1999, p. 121).

As emissoras ao longo do desenvolvimento do rádio tenderam a se especializar de acordo com a classe social, a faixa econômica e cultural das suas audiências se adequando a suas

características (instrução, poder aquisitivo, interesses, etc) e buscando uma linguagem própria para cada uma delas. As emissoras estão divididas entre aquelas que são essencialmente musicais e aquelas que têm uma programação mais falada, jornalística. Geralmente as primeiras transmitem em frequência modulada (FM) enquanto as segundas em amplitude modulada (AM). Ambas têm uma programação ágil, noticiosa (em maior ou menor grau) e de serviços graças ao desenvolvimento tecnológico experimentado pelo rádio que possibilita transmitir ao vivo, de qualquer lugar, de forma relativamente simples e barata. Esta especialização se deveu em grande parte a necessidade de conquistar maior audiência e conseqüentemente maior fluxo de verbas publicitárias.

4.3 Os interesses por trás do modelo de radiodifusão

A radiodifusão é explorada em cada país de acordo com suas características, história e os interesses dos grupos no poder. Segundo Gisela Swetlana Ortriwano (1985), a exploração da radiodifusão é dividida entre: sistema de monopólio ou estatal (o monopólio é do estado que explora diretamente, é usado principalmente nos países socialistas) e sistema pluralista (a radiodifusão é explorada por empresas privadas e estatais, em alguns países estas são mais importantes do que aquelas e vice-versa). Dependendo do tipo de exploração, se a rádio é privada ou estatal, seu papel social e seus objetivos mudam. Na rádio comercial o interesse é no mercado, ou seja, o objetivo é conquistar e fidelizar um número maior de ouvintes que garantam a venda de espaço publicitário.

É a partir das rendas com publicidade que a empresa se sustenta, adquire equipamentos, contrata profissionais. O conteúdo da programação atende aos interesses dos anunciantes e a necessidade de aumentar a audiência, por isso a qualidade da programação pode deixar a

desejar. A empresa comercial objetiva o lucro, mas também tem interesse político, que lhe permite manter a concessão da emissora junto ao estado. O estado é o detentor da exploração da radiodifusão, mas concede o direito de transmissão para empresas privadas comerciais a título provisório podendo ser cancelado. Por isso, o interesse político das empresas privadas em manter as concessões públicas. (ORTRIWANO, 1985, p. 54)

Na rádio estatal é diferente, já que ela não precisa diretamente de anúncios para sobreviver, pois é mantida pelo estado. Logo o sistema de exploração (estatal ou comercial) e suas demandas influenciam sobremaneira no direcionamento, abordagem e conteúdo da programação que é veiculada. O sistema de exploração adotado por cada rádio define seu papel social. O modelo comercial está diretamente ligado aos interesses econômicos dos seus anunciantes. Esse tipo de rádio é concebido para vender produtos, o que não significa necessariamente que a programação seja de má qualidade. Outras rádios direcionam sua programação para a transmissão dos vários tipos de manifestações da cultura de uma sociedade e ainda há aquelas que estão voltadas para a transmissão de valores sociais.

No entanto, as emissoras geralmente não limitam sua programação a um só estilo, a maioria delas difunde valores sociais, culturais e vende produtos. As empresas estatais, por serem mantidas pelo estado, geralmente tem mais claramente definido seu papel institucional de difusão de valores culturais e sociais. O que diferencia as rádios é a proporção entre o que é transmitido.

“A liberdade de criação – e de seleção da informação – é cerceada pela força dos objetivos dos grupos econômicos que, na maioria das vezes, também tem vinculações políticas, que determinam os padrões que os programas devem seguir para que esses grupos possam alcançar maior eficácia.” (ORTRIWANO, 1985, p.58).

As características intrínsecas do rádio são fatores que o tornam um meio de comunicação versátil e poderoso. O rádio denota proximidade, fala com sua audiência como se estivesse se

dirigindo a cada pessoa em particular, pelo nome. Ele pode ser transportado, ouvido em casa ou durante o trajeto até o trabalho, por uma única pessoa ou por uma centena. Alcança até a região mais distante e transmite o fato na hora que ele acontece, desperta a imaginação e é ouvido pelo doutor tanto quanto pelo agricultor.

4.4 Características do rádio

Artur da Távola (ORTRIWANO, 1985, p.29-30), defende que a especialização dividiu as emissoras em duas vertentes: a Rádio de Alta Estimulação e a de Baixa Estimulação.

Rádio de Alta Estimulação	Rádio de Baixa Estimulação
1. É mobilizador	1. Desmobilizante; é um rádio de lazer
2. Uso de estímulos sonoros permanentes	2. Baixo uso de estímulos sonoros, pois opera justamente sobre quem quer se desligar da intensa participação na sociedade moderna
3. Caráter de urgência: aqui e agora, o fato e a notícia	3. É menos urgente
4. Muito serviço e esporte	4. Pouca atividade de serviço
5. proximidade da comunidade	5. Uso de uma fala ainda elaborada e distante do coloquial
6. Comunicadores individualizados (em geral disc-jóqueis famosos)	6. Comunicadores não individualizados; raramente se conhece o nome e a vida de seus locutores

7. Tem elenco e produtores	7. radiojornalismo generalizante com notícias em forma de pequenas manchetes
8. Humor e descontração	8. Quase nunca personaliza seu ouvinte, salvo em escolhas de discos em moda por telefone
9. Sempre que pode personaliza o ouvinte	9. A participação vem através da música contemporânea e seus principais temas em voga
10. Trabalha permanentemente com análises da audiência	10. Promove uma sensação de status para seus ouvintes
11. Estimula o sentimento de solidariedade	11. Seriedade e distanciamento
12. Proximidade da cultura popular e de base brasileira	12. Tende para a cultura de classe média e de base estrangeira

Outra característica do rádio atual é a criação de redes nacionais formadas por emissoras regionais que transmitem programação unificada. Esta tendência é motivada pela necessidade de sobrevivência, pois a transmissão em rede diminui os custos. A programação distribuída em rede tende a ter boa qualidade e apesar de ter uma parte unificada e homogênea, as características regionais são levadas em conta. Abordar os aspectos de cada região é uma necessidade, pois se não houver na programação um espaço regional a perda de audiência é certa.

Baseando-se nos textos de Emílio Prado e Gisela Swetlana Ortrivano entre as características intrínsecas ao veículo rádio é importante destacar:

Linguagem oral: esta característica dá ao rádio uma grande vantagem em relação aos outros veículos, pois o ouvinte não precisa de nenhuma prerrogativa, como ser alfabetizado ou dominar a tecnologia de um computador para ter acesso à informação, basta ouvir. A televisão também tem esta vantagem, mas usa a escrita para apresentar gráficos, destacar os nomes dos entrevistados, dar informações entre outros.

Alcance: abrange grandes áreas podendo alcançar o território de um grande país como o Brasil e até fazer transmissões internacionais e intercontinentais. Apesar de poder alcançar regiões muito vastas, a potência do rádio esta diretamente ligada a sua regionalidade, é em um pequeno espaço que ele cumpre melhor sua função social.

Mobilidade: a tecnologia do transistor possibilitou que o rádio saísse das salas das residências onde a família se reunia para ouvir as notícias e música e fosse para qualquer lugar independentemente de tomadas e fios. O ouvinte pode, com aparelhos cada vez menores, desfrutar o radio sozinho, durante o tempo que gasta para se deslocar de um lugar a outro ou dividir esta experiência com uma multidão. A facilidade não é somente de quem ouve rádio, mas também para aquele que transmite, que faz rádio. Devido a sua tecnologia simples em relação a outros meios, o rádio está presente desde as grandes metrópoles até as pequenas cidades, sendo um meio de comunicação bastante democrático. O radiojornalista pode transmitir diretamente do local onde acaba de acontecer um fato importante e de maneira rápida.

Baixo custo: o aparelho receptor pode ser adquirido por grande parcela da população devido ao seu baixo custo de compra e manutenção. A produção dos programas radiofônicos também

é mais barata e levando em conta o número de pessoas atingidas pelo rádio, este custo ainda se torna menor.

Imediatismo: no mesmo instante que ocorre um acontecimento ele pode ser transmitido.

Instantaneidade: para o ouvinte ter acesso à mensagem ele precisa ouvi-la no mesmo momento em que ela está sendo transmitida. A pessoa precisa estar ouvindo o rádio naquele instante, do contrário ela perde a transmissão e apesar de ser possível gravar a programação radiofônica isto não é comum. Neste sentido os meios impressos ganham vantagem, pois podem ser guardados e sua leitura retomada em outro momento.

Sensorialidade: o rádio tem o poder de envolver o ouvinte de tal maneira que ele se torna quase um amigo. Através da sonoplastia, da voz do locutor, do tipo de abordagem que este tem com o ouvinte é possível criar laços de afetividade. A pessoa que ouve rádio cria mentalmente o que está sendo transmitido, imagina cenas únicas, pois o radialista está falando para o ouvinte na sua individualidade.

4.5 A comunicação rural e o rádio

O homem do meio rural entende, pensa e sente de maneira diversa daquele da cidade, suas aspirações e necessidades são outras e devem ser bem compreendidas para que haja uma comunicação eficaz. Bordenave (1985) defende que o lugar da comunicação no interior é diferente daquele da cidade: a comunicação interpessoal, os líderes religiosos, políticos e comunitários influenciam o restante da comunidade assim como os meios de comunicação tradicionais como o rádio, panfletos e jornais. Isso não significa que meios de comunicação

modernos como a TV e a internet não possam ser usados, mas devem trabalhar em conjunto com o rádio e as lideranças locais explorando a comunicação interpessoal em associações de trabalhadores, cooperativas, etc.

Em Angola, principalmente no interior, o rádio é o meio de comunicação por excelência, já que a maioria da população rural é analfabeta, a cultura é eminentemente oral, as publicações impressas são raras, a internet é de difícil acesso e a televisão ainda não é um meio barato e acessível às pessoas mais pobres (é quase compulsório a necessidade de obter canais pagos tendo em vista a precariedade da programação da TPA, única rede de televisão aberta do país). Assim o rádio é o único meio de comunicação de real alcance e imprescindível importância para a comunicação no interior.

A prestação de serviços de utilidade pública é um recurso usado pelas rádios na cidade ou no campo, mas em locais onde há precariedade em relação a infra-estrutura de comunicação a importância deste tipo de serviço é maior. Em Angola as rádios desenvolvem atividades que auxiliam a comunicação da população anunciando falecimentos, reuniões, desaparecimentos, visitas, achados e perdidos devido a precariedade de serviços como correios, telefone e estradas. Segundo Bordenave (1985), os programas voltados para o meio rural devem difundir não só informações ligadas às áreas ligadas ao agronegócio, como também são responsáveis pela valorização das manifestações culturais da cada região, difusão de informação de qualidade, atendimento às aspirações do homem do campo de desenvolvimento pessoal e comunitário, elevando seu nível de vida. A população rural deve ser chamada a participar das decisões sociais, a debater problemas como a destruição do meio ambiente, o êxodo para as grandes cidades, as estratégias de desenvolvimento da região e a rádio pode ser um espaço para isto.

“Contudo, é na elaboração das mensagens que o comunicador rural mostrará que reconhece as características peculiares da população do campo. É na forma que ele redige seu material escrito ou planeja seus recursos visuais e audiovisuais para facilitar um verdadeiro diálogo com a população rural, que vai se perceber que ele é um profissional verdadeiramente competente e compromissado.” (BORDENAVE, 1985, p. 58).

Para atender melhor a população rural deve-se entender sua percepção do mundo, seus principais problemas e ansiedades. A rádio deve ter como objetivo nas zonas rurais: promover a participação da comunidade na reflexão e na ação sobre seus problemas, facilitar o diálogo dentro da própria comunidade e com as autoridades, manter o homem do campo consciente dos acontecimentos das outras regiões e do país como um todo, incentivar a auto-reflexão e contribuir para a educação de crianças, jovens e adultos.

4.6 Mídia e política

Albino Rubim (1994) aponta para o fenômeno contemporâneo da midiaticização e espetacularização da política. Na sociedade atual, estar na mídia é ter visibilidade social, é ser conhecido e reconhecido como agente social. O lugar da política, hoje, vai além dos seus espaços tradicionais e se instala na mídia. É através dela que os acontecimentos e decisões, enfim a vida política, se torna pública e visível para a população, que depende cada vez mais dos veículos de comunicação para definir o campo político. Hoje para fazer política é fundamental estar na mídia. A esfera pública mudou. É no campo midiático que acontece os processos de sociabilidade contemporâneos e que forçam o homem a se realocar no mundo e dentro da sociedade.

A mídia inaugura um novo espaço público de sociabilidade, pois modifica o estar no mundo do homem contemporâneo. O poder da mídia de agendar temas, construir quadros políticos e

imagens pessoais e coletivas está subordinado a disputa de forças entre a própria mídia e os representantes do campo político. A política para conseguir ser publicizada se ajusta à forma midiática de difundir a informação. Por outro lado, a política se torna refém da mídia, pois precisa dela para chegar até a população. É possível dizer que existe uma simbiose, uma interdependência entre mídia e política, pois os dois campos sociais se influenciam mutuamente. Segundo Maria Helena Weber, o modo de produção de imagens políticas modificou o modo de fazer política e tudo pode ser relativizado e (des) qualificado quando há cumplicidade e interesses entre mídias e políticos (PIMENTA, 1999, p. 71 e 80). Por perceber o poder da mídia muitos políticos são também proprietários de veículos de comunicação. A adequação das práticas políticas à retórica da mídia não significa que a espetacularização da política seja em si um mal, mas demonstra o caráter midiático da sociedade contemporânea.

A revolução da comunicação permite pensar e viver o espaço e o tempo de maneira diversa do que era no passado. Com o desenvolvimento dos transportes e da tecnologia os meios de comunicação podem colocar em contato com rapidez pessoas que estão em lugares muito distantes. Os limites de tempo e espaço ficam menores, pois as tecnologias como a internet, possibilitam uma vivência real onde as pessoas compartilham o espaço, apesar de virtual e se comunicam em tempo real.

“Trata-se de apelar à intimidade, à personalidade, à vida privada como suporte e garantia da ordem pública. Sob a pressão da imposição dos códigos inerentes à vida privada, os códigos que deveriam orientar a vida pública se esvaem, abalando ou até abolindo a diferença histórica entre o espaço público e o espaço privado.” (RUBIM, 1999, p. 119)

Segundo Albino Rubim, outra característica da contemporaneidade é o desaparecimento do limite entre o privado e o público e a mídia é responsável por esta promiscuidade. Na modernidade os meios de comunicação atuavam dentro do espaço público, que era bem

definido e respeitado. Na contemporaneidade passa cada vez mais a invadir o espaço da vida pessoal dos atores sociais e políticos para apresentar à sociedade a suas intimidades. Cada vez mais o privado se torna público como uma espécie de fetiche voyer que perpassa as esferas sociais, inclusive a política. “Até a política sofre a invasão desenfreada do privado, via mídia, para legitimar o público.” (MATOS, 1994, p.38)

Estas características da realidade contemporânea tem em comum a presença transformadora da mídia, que adquire grande poder de manipulação, influência e decisão.

5 ANÁLISE: CARA A CARA COM O PODER

5.1 Principais contribuições do rádio

Através da pesquisa e de entrevistas com jornalistas e ouvintes é possível afirmar que as principais contribuições das rádios no país depois de 2002 foram:

1. Informar o cidadão dos acontecimentos de cada região, do país e do mundo
2. Incentivar e possibilitar o debate de temas variados importantes para a sociedade angolana
3. Criar espaços onde o ouvinte pode interagir expondo seus pontos de vista, denunciando arbitrariedades, fazer reclamações, trocar experiências
4. Desenvolver o papel de formador de opinião pública, por meio de entrevistas, análises e comentários de especialistas
5. Promover a pluralidade de pontos de vista
6. Promover e defender a democracia sendo uma caixa de ressonância das opiniões do governo, da oposição e da população
7. Promover campanhas públicas e cívicas (contra violência infantil e doméstica, sobre AIDS, registro eleitoral, etc)
8. É usado pela sociedade como forma de pressão em relação ao governo
9. Difundir as manifestações culturais dos grupos étnicos, inclusive das línguas nacionais

5.2 Comunicar é poder

O rádio antes da independência e depois dela serviu ao governo no poder, respectivamente o colonial e o do MPLA. Por isto, a dificuldade do governo angolano em quebrar o monopólio dos meios de comunicação (imprensa e rádio) em 1992 e o televisivo, em 2006. Comunicar é poder, pois facilita a manipulação da informação e assim a opinião pública, e nenhum governo quer perdê-lo. O governo angolano ainda detém grande poder na comunicação social do país, já que a Rádio Nacional de Angola é um dos seus principais meios de comunicação.

Devido a atual conjuntura em que o país vive a quebra do monopólio da informação é cada vez mais real, ou seja, empresas privadas têm participado cada vez mais da comunicação angolana. Os investimentos da iniciativa privada neste setor são recentes (começou em 1992) e devem ser ampliados. Pressões tanto internas quanto externas impelem Angola para um maior desenvolvimento da comunicação social. No entanto, a liberdade de imprensa e de expressão enfrenta ainda limitações:

Podemos destacar, formas menos refinadas e mais evidentes contra a liberdade de imprensa, como a limitação da tiragem dos jornais por factores económicos e técnicos (...) dificuldades burocráticas de várias ordens na obtenção de licenças para novas emissoras radiofónicas, mesmo que em FM, e dificultar o angariamento de publicidade; e, mesmo as restrições que a nossa lei de imprensa, injustificadamente, impõe a concessão de licenças para a televisão e agências de notícias e podemos apontar como sendo uma incongruência injustificável. (VUNGE, 2006, p. 103).

5.3 A influência da RNA nas províncias

As rádios estão majoritariamente concentradas em Luanda e exploram temas citadinos. Enquanto a maior parte do território nacional depende desta programação inapropriada que não representa suas expectativas, modo de vida rural, problemas e debates. Somente a RNA

através do canal N'gola Yetu transmite em línguas nacionais e com programação voltada para a realidade rural, o que permite as populações do campo ter acesso à informação visto que o português não é perfeitamente compreendido por parcelas desta população.

As rádios provinciais, que pertencem ao grupo RNA, também transmitem de acordo com a língua nacional mais falada na região. A informação transmitida pelo grupo Rádio Nacional de Angola está de acordo com os interesses do governo, já que o grupo é estatal. Assim a pluralidade dos pontos de vista fica afetada e a população rural acaba por não ter acesso a rádios mais imparciais. A negação da permissão à Rádio Ecclésia de estender sua transmissão nacionalmente atende à questão de manutenção do poder que é dado pela informação.

Angola, excetuando-se a capital Luanda e as províncias de Benguela, Cabinda e Huíla, tem na RNA sua principal fonte de informação, mantendo o grande poder do estado. Esta abrangência nacional significa também maior responsabilidade para com a população angolana. Informar da melhor maneira, através de programas que atinjam vários aspectos importantes para a sociedade é uma obrigação, além de um poder muito grande.

5.4 Censura

A censura e a manipulação da informação existem em todos os lugares. Em Angola, caminha para ser mais sutil e complexa. A censura e as represálias a jornalistas e meios de comunicação, em 2007, foram menores e mais sutis do que na década de 1990, período em que o país se encontrava ainda em guerra.

Uma das piores heranças dos 27 anos de guerra é a censura que o próprio jornalista internaliza. O profissional, mesmo não havendo censura explícita, por parte do governo ou da empresa, está condicionado a adequar seu texto e temática a assuntos que “podem” ser publicados.

Mas talvez a maneira mais eficiente de censura se dê a nível inconsciente. As pessoas que ocupam os cargos de chefia mais importantes em empresas de comunicação responderão possivelmente que não se sentem censuradas no seu trabalho. Esta resposta é possivelmente verdadeira já que elas só ocupam o cargo que tem porque ideologicamente respondem ao interesse dos proprietários. (MELO, 2006, p.06)

Esta é uma prática que deteriora a qualidade do jornalismo, porque impede que fatos relevantes para a população, críticas e denúncias não cheguem a ser publicados, não porque foram censurados, mas porque nem foram escritos. A auto-censura é um desafio que muitos jornalistas angolanos devem superar, só com o desenvolvimento da comunicação social, a liberdade de imprensa e a democratização do país isso pode acontecer.

Numa sociedade marcada pelo clima de guerra, as liberdades são as principais vítimas, primeiro a liberdade de imprensa, de informação. Censura de uma forma direta, objetivada, bem esquematizada não existe, mas a auto-censura é muito pior porque é extremamente castradora e inibidora. (ROGÉRIO, 2007).

5.5 Interesse estratégico

É de fundamental interesse e importância para Angola a sua imagem junto à comunidade internacional, pois o país começa a ter lugar de destaque mundial e já o tem em se tratando de África. Devido a esta preocupação a liberdade de imprensa e de expressão só tende a ganhar, pois a guerra civil já não pode ser usada como fator limitador destas liberdades e direitos do cidadão. Muitos países estão interessados em Angola devido as suas perspectivas de

crescimento e oportunidades de lucro e devem prestar contas à suas sociedades, que cada vez mais exigem transparência nas relações externas de seus estados.

A importância de Angola advém, sobretudo, do seu poderio estratégico já que o país é dono de grandes reservas de petróleo, diamante, minerais, água doce e tem se destacado como um líder político regional junto com África do Sul e Nigéria. Em um mundo globalizado em que potências energéticas secundárias, como ainda é o caso de Angola, a imagem de democracia e estabilidade são importantes, por isso o país tem participado de fóruns e acordos internacionais, inclusive permitindo inspeções.

5.6 Aspectos da comunicação angolana

A situação da mídia deve melhorar através da própria autoregulação do mercado, com a liberdade e o apoio do governo. O jornalismo angolano se questiona, vive uma fase de excessos ao mesmo tempo em que faz uma reflexão sobre a profissão, seus limites, importância e papel social. O sensacionalismo é uma prática disseminada principalmente nos semanários, que muitas vezes optam por veicular notícias mais vendáveis, mesmo que as informações não possam ser confirmadas. Algumas são baseadas em comentários de fontes anônimas, que podem nem existir.

Os baixos salários obrigam os profissionais a terem mais de um emprego em órgãos públicos ou privados, o que pode levar os jornalistas a dilemas profissionais devido a interesses conflitantes. Quando a remuneração é baixa os profissionais ficam mais acessíveis a serem corrompidos.

Talvez pecado mesmo seja a falta de dinheiro do jornalista angolano, aquele que se dedica só ao jornalismo geralmente é pobre, o que depois traz outras consequências porque ele está mais vulnerável a outras práticas. Existem aliciamentos sim, não vale

a pena tapar o sol com a peneira. Acho que é esporádico, não quero dizer que seja um aspecto já quase institucionalizado e normalmente o segredo fica a dois entre o aliciador e o aliciado. (VIEIRA, 2007).

Os veículos privados enfrentam problemas econômicos para se manter. Com a falta de investimento nas redações muitas trabalham em situação precária limitando o trabalho do jornalista e dificultando a melhoria da qualidade dos produtos oferecidos à população.

As dificuldades da LAC são muitas. Temos 15 anos e só agora respiramos um bocadinho porque abrimos espaços para as igrejas, vendemos horários à Igreja do Reino de Deus, Igreja Maná, as igrejas evangélicas. A publicidade não chegava a suprir e manter a rádio. Nós nos mantemos sempre sozinhos, mas com muita dificuldade. Cumprimos todos os nossos compromissos, mas não temos dinheiro para fazer investimentos. (FANÇONY, 2007).

O período de guerra deixou marcas no jornalismo, uma delas é a concentração de informação e a sua não divulgação. O exercício do bom jornalismo não é fácil, pois muitas fontes, principalmente as oficiais são de difícil acesso para os profissionais que trabalham nos veículos de comunicação privados e até mesmo nos públicos. Não existe uma cultura de dar informação o que dificulta ainda mais o exercício do contraditório.

Os jornalistas angolanos são desunidos. Não há um vínculo entre a classe, a união entre os profissionais ainda é precária. A falta de regulamentação do mercado e de sentimento de unidade acarreta, entre outras coisas, dificuldades de representação e o enfraquecimento das reivindicações da classe junto às empresas de comunicação.

Acontece que a maior parte dos jornalistas trabalha para o estado que convive mal com reivindicações e como não há muitos meios de comunicação o papel do sindicato dos jornalistas fica diluído porque ninguém se arrisca a perder seu emprego. Estamos em um regime multipartidário, mas o partido está no poder esta desde 11 de novembro de 1975 até hoje é o mesmo e poucas mentalidades terão mudado, alguma coisa mudou em relação a abertura política, mas as pressões continuam a existir. (ARAUJO, 2007).

A lei de imprensa em vigência desde maio de 2006 acaba com o fim do monopólio estatal da televisão. O caminho para a criação de novas emissoras de televisão está aberto, assim como o

de novas rádios e produtos impressos. A lei tem suas limitações, mas em geral é considerada positiva. A nova lei define como crimes algumas condutas dos jornalistas de maneira bastante vaga e ampla, o que a torna vulnerável e passível de manipulação, pois pode ter múltiplas interpretações. As leis formuladas de forma genérica precisam de regulamentação complementar e de maior detalhamento, especificando claramente de que maneira elas atingem os profissionais da comunicação para poder serem cumpridas de modo apropriado. Até o momento, a legislação complementar não foi regulamentada. Segundo relatório da organização Human Rights Watch de 2006, “as regras básicas estabelecidas na Lei de Imprensa criaram um processo excessivamente burocrático e dependente de órgãos governamentais, e não de órgãos independentes como aconselhado pela boa prática internacional.” A lei de Imprensa é responsável também por regular a profissão de jornalista através do Estatuto do Jornalista e seu código deontológico.

No meu ponto de vista a lei é boa, já temos o regulamento o problema agora é só aplicar. O que eu temo é que a lei permita uma instalação muito seletiva de novos órgãos de comunicação, ou seja, ao invés de termos uma abertura larga a lei e seus regulamentos acabem por restringir muito. Por exemplo, muito dificilmente nós vamos conseguir ter rádios nacionais pelas condições que a lei apresenta e pela diversidade de Angola precisaríamos de pelo menos três. (MATEUS, 2007).

As rádios comunitárias também são tratadas segundo as novas leis. Infelizmente não há em Angola rádios deste tipo, que podem tornar a comunicação mais participativa e desempenhar um papel de extrema importância para a vida da população mais pobre, sobretudo durante o período eleitoral.

O futuro regulamento da Lei de Imprensa deve esclarecer qual o procedimento a ser adotado para criação de rádios comunitárias, que até o momento não existem em Angola. Embora a criação de tais rádios esteja prevista na Lei de Imprensa, sua efetiva criação não pode ocorrer na ausência de leis e regulamentação complementares que definam os critérios e procedimentos para a concessão de licenças de radiodifusão. As rádios comunitárias podem desempenhar um papel fundamental na disseminação de informação nas zonas rurais no período pré-eleitoral. Isso é particularmente importante em Angola onde a taxa de analfabetismo é muito elevada e o rádio é o veículo da mídia que alcança a maior proporção da população nacional. (Human Rights Watch, 2006)

A importância das rádios comunitárias é grande, pois atuam junto à comunidade. As pessoas que fazem parte delas são geralmente da própria comunidade e sabem quais as suas principais dificuldades, assim podem atuar de forma mais eficaz.

Seria um equívoco, penso eu, concluir que a rádio comunitária tem causado mudanças sociais radicais e fazem uma significativa diferença no processo de desenvolvimento. A rádio comunitária é parte de uma tendência geral para compartilhar o poder do Estado com as pessoas e com a sociedade civil. Depois de um dos episódios de discussão comunitária descritos acima, a comunidade pode parecer ser a mesma, mas é evidente que passado um período de tempo as pessoas “repensam” por si só e refazem as suas comunidades. O fator mais importante neste processo é o fato de que a rádio comunitária “dá um empurrãozinho” e revitaliza a comunicação comunitária: a mais forte e vital forma de comunicação na África. (ALUMUKU, 2005, p. 63)

5.7 Concentração da mídia

Como os meios de comunicação se concentram em Luanda, as outras províncias são mal servidas em relação à comunicação social. Com exceção de Cabinda, Benguela e Huíla, que contam com os serviços das rádios privadas Cabinda Antena Comercial, Rádio Morena FM e Rádio 2000, respectivamente, as outras províncias contam somente com a transmissão da Rádio Nacional de Angola. Os meios impressos se dispõem no território nacional de forma bastante desigual, concentrados em Luanda enquanto no interior não existem publicações, com exceção do semanário Cruzeiro do Sul em Benguela.

5.8 Importância da transmissão em línguas nacionais

Nas províncias angolanas, onde grande parte da população vive no campo, o rádio tem sua importância aumentada, já que o acesso a outros meios é ainda mais precário do que na capital. Os títulos da capital são encontrados de maneira esporádica no interior. Assim, é a Rádio Nacional de Angola, através dos seus cinco canais, que tem o monopólio sobre a comunicação de catorze das dezoito províncias do país. As populações das províncias estão

majoritariamente concentradas nas zonas rurais, o que exige uma estratégia de comunicação diferente daquela adotada nas cidades.

É através da difusão em línguas nacionais que é possível chegar aos mais longínquos lugares do país e fazer entender na sua plenitude a mensagem transmitida, pois a absorção da mensagem na língua materna é maior do que em português. Os programas transmitidos pelo canal N'gola Yetu são produzidos na sua sede em Luanda e nas sedes provinciais. Todos os cinco canais da Radio Nacional de Angola tem características próprias e atendem diferentes parcelas da audiência, a programação do N'gola Yetu visa a atingir não só a capital e as zonas suburbanas, mas sobretudo o interior do país. Infelizmente o canal é desvalorizado frente a sua grande importância para o país. Ele ainda é encarado como “um time da segunda divisão” e seus profissionais não tem o reconhecimento que merecem. A programação merecia ser ampliada e melhorada para atender cada vez melhor a população.

5.9 Importância do rádio e a perda de audiência

A rádio em Angola tem importância e audiência tão grandes, entre outras razões, pela falta de opção da população. O país tem um custo de vida dos mais altos do mundo e 70% (Relatório Anual do Central Intelligence Agency “CIA”, 2007) da população vive em condição de extrema pobreza, o que impossibilita o acesso aos meios de comunicação mais caros e que exigem a alfabetização. Com a melhoria do ensino e alfabetização da população aliado a melhor distribuição de renda, diminuição do desemprego e desenvolvimento o rádio sofrerá com a concorrência de jornais, revistas, TV e internet. Isso não significa que o rádio deixará de ser importante, mas passará obrigatoriamente por uma reformulação, talvez com perda de audiência e publicidade. A TV em alguns anos deve ganhar espaço na sociedade angolana

através da melhoria da programação da Televisão Pública de Angola (TPA), a chegada de novas emissoras e maior acessibilidade às TV's por assinatura.

Sobre a linha da programação (da TPA), até podemos detectar alguns esforços para representar a variedade do povo angolano, mas limitados ao campo da cultura. Quando voltamos o olhar para os programas jornalísticos, sua linha editorial é claramente ditada pelo governo, ou melhor, pelo partido que está no governo – o MPLA. (BEMBOM, 2006, p.67).

5.10 Porque LAC, RNA e Ecclésia

As rádios estudadas apóiam a população angolana na reconstrução do país. No aspecto social elas contribuem para a promoção da cidadania, divulgação dos direitos civis e humanos. No aspecto educacional, na promoção do conhecimento de temas importantes para o dia-a-dia do cidadão. Presta serviços de utilidade pública e tem forte presença na formação da opinião pública.

Eu penso que a Rádio Nacional continuará a prestar serviços para as populações mais carentes, mais afastadas dos centros urbanos. Penso que ela continua a exercer este poder, esta faceta de emitir informações que ajudem a população. Não as rádios privadas como a LAC. A LAC não tem este objetivo. A LAC pretende dar opiniões e fazer jornalismo de investigação, procurar que as pessoas pensem com sua própria cabeça. Nós fazemos muitos programas à base do comentarista para que as pessoas possam tirar suas próprias conclusões. (FANÇONY, 2007).

Nós temos uma variedade de programas que ajudam a população, estou a falar dos programas de educação cívica, de direitos humanos, eleitoral, direitos do cidadão, assuntos de caráter social e religioso são debatidos. Falamos sobre divórcios, alcoolismo e no fim há sempre uma mensagem de como a pessoa pode fugir a isto. De 2002 a 2005 foi uma época extremamente sensível para os angolanos por causa do fim da guerra, houve necessidade de muita gente ser repatriada ou reinserida na sociedade, os ex-militares, os deslocados de guerra, os refugiados que estavam nos países vizinhos. Tínhamos um programa que se chamava Roteiro da Paz, que ajudava as pessoas a pacificação, a mensagem da igreja e acho que de alguma maneira contribuimos para que as pessoas vissem no ex-militar que esteve em um dos lados não como um inimigo, mas como alguém que possa contribuir para o desenvolvimento do ao país, ouvíamos os políticos, os próprios militares, deslocados, alertávamos as ONG's para onde havia necessidade de comida, era

muito acompanhado por estas instituições. Foi um dos maiores contributos nesta fase pós-guerra que a rádio Ecclésia tinha. (VIEIRA, 2007).

5.11 Entrevistados

As hipóteses levantadas no início deste estudo puderam ser confirmadas pelos entrevistados, jornalistas dos veículos estudados e profissionais que atuam em outras áreas da comunicação social. De acordo com a maioria das respostas é possível tirar algumas considerações finais sobre o jornalismo angolano e o papel das rádios na sociedade, principalmente depois do fim da guerra civil.

Os entrevistados foram: Pe. Maurício Kamuto (diretor geral da Rádio Ecclésia), Manuel Vieira (chefe de produção, jornalista e apresentador da Rádio Ecclésia), José de Belém (jornalista da Rádio Ecclésia), Luisa Fançony (diretora geral e apresentadora da rádio Luanda Antena Comercial), Paulo Araújo (jornalista e locutor da rádio Luanda Antena Comercial), Sitânio Bumba (jornalista esportivo do canal Rádio 5, RNA), Ingrácia Pombo (editora da língua nacional Kimbundo do canal N'gola Yetu, RNA), Heitor de Jesus Lourenço (locutor do programa Rádio Piô, do Canal A, RNA), Luisa Rogério (secretária geral do Centro de Formação de Jornalistas (Cefojor) e jornalista do Jornal de Angola), João Melo (diretor geral da empresa de comunicação Movimento, deputado pelo MPLA e professor universitário), Ismael Mateus (diretor geral da empresa de comunicação Lito Mídia, escritor e professor universitário), Antônio Meireles (diretor de criação da empresa de comunicação Link), Vítor Aleixo (diretor geral da Etnia Comunicação), Sergio Guerra (presidente da Maianga Produções), Felisberto Filipe (jornalista da revista Figuras & Negócios) e Mário Vaz (apresentador do programa Bom Dia Angola da Televisão Pública de Angola), Adilson Bacelar (cinegrafista), Lemba Diogo Manuel (trabalhadora doméstica), Antônio Magalhães

de Sousa (professor), Leonardo Salomão da Silva Gonçalves (designer gráfico), Isabel Palmira da Silva (pequena empresária).

5.12 Programação cidadã

Através da programação é possível verificar de que forma as rádios auxiliam a sociedade e que tipo de temática é abordada. Em todas as rádios é possível identificar programas de cunho social, educativo e cultural. Como exemplo podem ser citados os programas:

Canal A (RNA)

- * Hora certa: produzido pelas forças armadas com o objetivo de consolidar a unidade nacional e promover a conciliação. Aborda temas como desminagem, desmobilização e reinserção social de ex-militares.
- * A voz do campo: aborda temas ligados a agricultura, pecuária e técnicas de cultivo.
- * Mel que mata: espaço de educação sobre AIDS, informações sobre a doença em Angola e na África, conta com participação de ONG's.

Rádio Luanda (RNA)

- * Balumuka: programa de informação e recreação em Kimbundo.
- * Bué Bueré Bué: programa musical de música angolana
- * Kiandando: programa sobre Luanda, aborda temas sociais, econômicos e culturais da capital

Rádio N'gola Yetu (RNA)

- * **Conheça seus direitos:** aborda temas relacionados com direitos humanos.
- * **Citafrica:** aborda informações sobre história, economia e política do continente africano.
- * **População, desenvolvimento e vida familiar:** tem a parceria do fundo das Nações Unidas para a população. Aborda o equilíbrio de gênero, direitos da população entre outros.

Rádio Ecclésia

- * **África sete dias:** apresenta o resumo dos acontecimentos do continente africano durante a semana.
- * **Mátria:** dedicado às mulheres, dá sugestões, conselhos, dicas.
- * **Questões do momento:** voltado para o público jovem aborda questões e problemas relacionados com a juventude

5.13 Vozes de Angola

A importância das entrevistas feitas em Angola foi essencial para a realização deste estudo. Sem elas não seria possível, somente com a pesquisa bibliográfica, chegar às considerações finais da pesquisa. Aqui são apresentados alguns trechos das entrevistas feitas em Luanda, fundamentais para melhor entender a situação da comunicação e a o momento pelo qual país vive.

*** Luisa Fançony**

1. Para você de que forma as rádios ajudam a população angolana?

Eu penso que, para a população angolana, a rádio tem uma grande utilidade por causa do analfabetismo e dadas as distâncias. Portanto penso que a rádio ainda continue a ser o meio por excelência para a informação, para transmissão de alguns conhecimentos. Embora seja muito cética em relação a que a rádio ou a comunicação social, façam milagres e consigam educar a população como as vezes os políticos pensam. A comunicação social parece resolver todos os problemas, não resolve, mas realmente ajuda muito.

2. Qual a contribuição maior que o rádio tem dado à população, além da informação?

No espaço educativo quando a mensagem é boa, cria uma mudança de mentalidade nas pessoas. Durante a guerra estávamos muito espalhados ou concentrados de acordo com o conflito, fora de nossa casa, cheios de problemas e era um radiozinho que trazia muitas informações, dicas de comportamento, dicas de como atuar, muitas vezes das lojas onde comprar.

3. Depois de terminada a guerra, o rádio ainda presta algum serviço?

Eu penso que a Rádio Nacional continuará a prestar estes serviços as populações mais carentes, mas afastadas dos centros urbanos. Não as rádios privadas como a LAC, que não tem este objetivo. A LAC pretende dar opiniões e fazer jornalismo de investigação, procurar que as pessoas pensem com sua própria cabeça. Nós fazemos nossos programas muito à base de comentaristas para que as pessoas possam tirar suas próprias conclusões.

4. Quais são as maiores dificuldades que vocês enfrentam como rádio privada?

São muitas. Temos 15 anos e a publicidade não chegava a suprir ou manter a rádio. Nós nos mantemos sempre sozinhos, mas com muita dificuldade. Só agora estamos respirando um bocadinho porque abrimos espaços para as igrejas. Pagávamos todos os salários no fim do

mês, tudo direitinho, mas não tínhamos dinheiro para fazer investimentos e agora respiramos um bocadinho porque vendemos horários às igrejas evangélicas, do Reino de Deus, Maná...

5. Que tipo de pressão a LAC enfrenta no dia-a-dia?

Além da pressão econômica, de falta de investimentos a LAC tem este problema da falta de infra-estruturas. Além disso, quando nós trabalhamos tantos anos com um partido único o próprio jornalista enfrenta a auto-censura, conhecendo os dirigentes eles próprios não abordam certos assuntos. Além disso, há uma proximidade muito grande entre os dirigentes da comunicação social e os dirigentes do país.

Às vezes vemos as críticas que fazem ao Lula e vemos que realmente estamos muito longe disto. É um aprendizado da democracia, da crítica que é lento. Uma coisa positiva antes era que havia certo controle, não havia tanta delinquência porque era muito mais controlado, agora é o problema de sabermos viver em democracia.

6. Para você qual o maior pecado do jornalismo aqui em Angola?

Penso que será as encomendas. Não tenho provas, mas o que circula entre os próprios jornalistas é que há reportagens encomendadas e até pagas. Então a independência do jornalista fica posta em causa. Para, além disto, o nosso principal problema é a falta de maturidade dos nossos jornalistas.

7. A qualificação dos jornalistas tem melhorado depois dos cursos superiores de comunicação?

A qualificação é muito deficiente em relação a língua portuguesa. A segunda geração depois da independência teve professores que não dominavam bem a língua portuguesa e esta é uma das lacunas na educação. Além de certa vocação é preciso ter experiência para dominar as

questões com mais calma, mais seriedade. Mas os novos jornalistas são bons, tem boas idéias, eu gosto de trabalhar com eles.

*** Ismael Mateus**

1. Como está a qualificação profissional do jornalista angolano?

Está muito má por varias razões: primeiro lugar porque durante muito tempo não houve uma referência em termos de qualificações, o país nunca teve critérios mais específicos para ser jornalista, nem temos uma carteira profissional. Os jornalistas eram encontrados de modo administrativo, não todos eles. Em Luanda havia critérios, os jornalistas entravam depois de freqüentar as escolas das rádios, mas em outros sítios do país se o individuo escrevia bem, tinha jeito pra escrita então ele podia ser jornalista. Este foi um grande problema que vivemos durante muito tempo.

Em segundo lugar essa contingência fez com que nunca fosse possível ter espírito de classe porque as pessoas que não tem rigorosamente nada a ver. Não tinham um código deontológico e não partilham de princípios logo são pessoas que dificilmente podem se entender. São jornalistas tudo bem mais eles não conseguem falar a mesma linguagem não se vêem como pares.

Em terceiro lugar um outro problema que houve aqui é que o país só agora começou a ter formação superior em jornalismo. Em Luanda só existia um curso médio de jornalismo e nunca houve formação superior, então em termos de qualificação as pessoas estavam limitadas. Talvez possamos incluir um quarto que é o fato do jornalismo não ser uma profissão acessível no ponto de vista financeiro mais em relação a isto tenho algumas dúvidas porque aquilo que o jornalismo não dá financeiramente, dá na publicidade, na imagem pública, no conhecimento das pessoas e faz estrelas com alguma facilidade.

2. Quais são as perspectivas para as gerações de jornalistas que estão acabando de se formar?

Eu tenho expectativa que é a velha geração, a minha geração saia. É uma geração muito marcada pela falta de conhecimento, inclusive o técnico e que infelizmente tem poder. São os donos dos jornais, chefes de redação e, portanto fazem escola. Se um diretor escreve uma peça misturando opinião e fatos é evidente que o jovem, mesmo aquele que sai da faculdade, vai ter tendência a fazer o mesmo. Minha esperança é que a geração de Ismael Mateus e companhia saia da área e deixe espaço para os jornalistas jovens. Espero que esta mudança se faça com novos títulos, novas propostas feitas por gente nova e arrojada que vão tomar conta destes novos projetos. Quando a minha geração puder sair de cena então vamos dar espaço ao jovens que vêm da faculdade e que vem já com outros tipos de valores, que já saibam regras, que saibam valorizar as fontes e que tenham compromisso.

4. Em Angola o radio é muito forte e tem muito prestígio. Ele pode ser tido como o grande comunicador do país?

Ainda é, durante os próximos três, cinco anos ainda vai ser, mas vai perder seu lugar para televisão e depois para internet. Enquanto a TV cabo não avança, enquanto a televisão não é uma alternativa, a rádio vai continuar com sua audiência. Isso em relação à rádio é em português porque em relação a radio em línguas nacionais não vai mudar tão cedo.

5. Você acha que a comunicação em língua nacional tem o espaço que merece ou não ainda é muito pouco?

Ainda é muito pouco, existe como um campeonato da segunda divisão. Isto é um absurdo e é visto assim no rádio, na televisão, na escrita.

6. Qual a importância do rádio? O que ele tem feito pra melhorar a vida da população?

O rádio angolano, no meu ponto de vista, assumiu uma característica que não é muito comum nos outros rádios. Vamos chamar de dimensão sócio humanitária e cultural. A rádio angolana assumiu que também tem responsabilidades sociais independentemente da sua componente formativa, assumiu que é um papel dinamizador. Há um papel interventivo que a rádio foi ganhando e que extravasa sua dimensão informativa, temos aqui papéis de intervenção social que a rádio não deveria fazer, mas faz como parte da sua missão. É muito difícil aparecer hoje uma rádio se não agregar estes valores, Isso é um mérito da Rádio Nacional e da LAC, acho que falta isto na rádio Ecclésia.

*** Heitor Lourenço**

1. Como é o programa infantil Rádio Piô?

Bem, é um programa educativo, procuramos trazer questões como civismo, valores sociais que estamos a perder devido a situação que o nosso país viveu durante muito tempo. Falamos da nossa realidade, da história de Angola, de alguns aspectos que nos identificam como angolanos tal como os hábitos e costumes de diferentes povos. Procuramos também trazer aspectos ligados a outros países para que as crianças tenham a noção do que acontece fora da sua realidade. Estes são os papéis do nosso programa, dar voz a criança, dar oportunidade delas serem ouvidas e expressar aquilo que sentem. Principalmente porque é esta camada da sociedade que mais sofre com as guerras e os conflitos e com tudo o que acontece em Angola.

2. Os programas infantis têm boa aceitação?

Agora com as tecnologias, as parabólicas, aos poucos vão tirando um bocadinho o impacto que os programas infantis têm. As crianças tem mais queda para as imagens, para as cores algumas vezes tem preguiça de tentar recriar e a rádio dá essa oportunidade. A criança encontra tudo feito na televisão, no jogos e algumas vezes ela não cria o hábito de ouvir rádio,

mas as poucas vezes que nós fazemos inquéritos sobre o nosso programa a aceitação é boa. Principalmente naquelas áreas que não tem essas novas tecnologias, as TV's por satélite. Nessas localidades e regiões o nosso programa é mais ouvido.

3. Qual é a principal contribuição do radio para a reconstrução do país?

Nesse momento a importância da rádio se deve porque ela diz ao cidadão que cada um é responsável pela construção do nosso país. Os governantes devem fazer a sua parte, mas nós temos a nossa parte a cumprir, então a radio faz chegar essa mensagem principalmente nessa fase de reconstrução nacional que nos encontramos, em que precisamos da ajuda de todos. A radio serve de ajuda para as pessoas principalmente para solucionar os problemas na área da saúde e prestando serviços públicos.

Principalmente nesta fase a importância da rádio é mesmo aquilo que toca a educação, fazer chegar as pessoas uma mensagem de resgate dos valores sociais, de valorização dos hábitos e costumes da cultura angolana.

4. As pessoas confiam no radio?

As pessoas desconfiam principalmente no que toca as questões políticas. Porque saímos de uma realidade muito difícil devido a questão da guerra, o mono partidarismo, em que havia muita censura. Neste momento ainda existe alguma censura, principalmente nos órgãos públicos. Há coisas que são de interesse das pessoas, mas é algo que não se divulga, as pessoas ficam um bocadinho apreensivas contra essa situação. É algo que tende a mudar de acordo com a evolução da nossa sociedade porque o nosso objetivo é a democracia e num país democrático não deve haver esse tipo de coisas. Há pessoas que se apegam ao fato de haver muita censura principalmente nos jornais e rádios estatais e de acharem que aquilo que passa é

só a favor do estado nunca contra o estado. Algumas pessoas dizem que a radio não esta a favor do povo, mas a favor do estado.

*** Luisa Rogério**

1. É possível afirmar que o rádio é o meio de comunicação mais importante de Angola?

O rádio é um dos veículos de comunicação mais importantes de Angola, porque é o mais rápido, mas acessível ao público e mais fácil. Ondas médias e curtas chegam a qualquer ponto de Angola com um custo baratíssimo. No cantinho mais distantes de Angola sem água ou a energia elétrica, as pessoas tem acesso a informação entendendo ou não o português. A importância da rádio se dá pelo fato de a informação chegar mais rapidamente ao destinatário principalmente nesta fase pós guerra e num país como o nosso que tem uma população analfabeta que está na ordem de 70%. Não precisa ser alfabetizado para ter informação nem dominar o português porque a informação é transmitida através de sua língua, que é um dos objetos de identificação mais fortes do povo angolano.

2. A importância da radio vai diminuir com a abertura do monopólio da comunicação?

Acho que não muda não, nesta primeira fase acredito que não, pode ser que depois isso mude. Justamente pelo fator econômico e porque aqui em Angola tem a tradição do rádio. Não acredito que o fim do monopólio da televisão vá por fim a importância da rádio, até porque é um meio extremamente caro e aqui ainda temos o problema da energia elétrica que cai muito além dos custos de produção que são extremamente elevados.

3. Qual sua opinião sobre a nova lei de imprensa?

A nova lei de imprensa é melhor do que a outra, acho que melhor equilibra os direitos e deveres do jornalista. O fim do monopólio no estado sobre a televisão apresenta maior abertura, mais pluralismo.

4. Quais são as principais dificuldades dos jornalistas?

São muitas. Tendo em conta o contexto da guerra, as liberdades são as principais vítimas, primeiro a liberdade de imprensa, de informação. Censura de uma forma direta, objetivada, bem esquematizada não existe, mas o fantasma da autocensura é muito pior porque é extremamente castrador e inibidor, portanto é um dos maiores problemas enfrentados aqui. Outro é a questão do acesso a informação que continua a ser dificultado sobretudo por servidores públicos se sentem protetores da segurança do estado, nem sempre dão as informações desejadas e ainda dificultam. A questão ética se também é falha, mas também isto é decorrente da formação débil. Já não posso falar tanto em baixos salários, aqui na redação do jornal de Angola o salário é de mais ou menos 2 mil dólares. Mas muitos jornalistas não vivem exclusivamente do trabalho em uma única empresa, existem muitos que trabalham aqui e em outros lugares e que fazem assessoria de imprensa, o que pode provocar conflito de interesses.

5. A população pode confiar nas informações transmitidas pelos meios de comunicação?

Embora eu seja contra a divisão entre empresas de comunicação públicas e privadas, a população tende a confiar mais na imprensa privada. Os meios do estado geralmente mostram somente uma visão parcial dos fatos. É necessário que haja mais meios de comunicação privados para inclusive ajudar os públicos.

*** Sergio Guerra**

1. Qual a importância da rádio para a população depois da guerra civil?

A rádio é o maior instrumento de comunicação do povo angolano. Ela tem uma função essencial, a base da comunicação é feita pela rádio. As rádios oficiais ainda tem uma linguagem muito oficial, as vezes é muito repetitiva, mas prestam um serviço fundamental desde o reencontro de familiares a questões de saúde, sobre AIDS. Às vezes é preciso pensar de uma forma muito didática, a informação tem que ser objetiva, passo a passo acho que isso a rádio faz bem.

2. Essas iniciativas realmente ajudam a população?

Ajudam sim, no regime eleitoral a rádio teve papel fundamental, no dia a dia elas realmente dão apoio à população. Mesmo as estatais, que tem uma orientação governista, discutem-se os problemas da população. Na rádio Luanda, por exemplo, são discutidos muitos problemas da cidade, os achados e perdidos são muito populares, fazem denúncias. É uma coisa muito preponderante na sociedade angolana.

3. Qual a principal diferença entre o jornalismo de anos atrás e o praticado agora?

O jornalismo hoje é menos estatal, é menos oficial mesmo as rádios estatais são menos oficiais. Eu acho que tem avançado, antes era só a mensagem oficial a visão era muito mais rígida muito diferente do que é hoje. Agora é possível discutir os problemas da comunidade coisas que há dez anos atrás você não discutia. A LAC tem uma abertura um pouco maior e a Ecclésia é totalmente independente. Ela teve um papel fundamental neste processo de abertura porque começou, a alguns anos atrás, a fazer debates aos sábados e falava sobre tudo. As outras rádios sentiram que tinham que abrir mesmo e passaram, inclusive a própria Rádio Nacional, a ter debates sobre assuntos mais variados possíveis. A RNA passou a ouvir os

adversários, há o ponto de vista do governo mas a radio passou a convidar representantes de outros partidos para participar.

4. Quais são as maiores dificuldades do jornalismo angolano?

É a falta de formação, ela é muito visível. Às vezes é feito um jornalismo primário e isso acaba sendo um padrão, tem pessoas muito boas, mas em geral é muito ruim. Na rádio é possível identificar melhores quadros, mas o jornalismo impresso e na televisão tem muita dificuldade.

*** Manuel Vieira**

1. Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos jornalistas?

A primeira delas é o fato do mercado de jornalismo angolano estar escasso, as pessoas procuram outras áreas que dão mais dinheiro que se sintam realizadas materialmente, que tem pouco trabalho e mais rendimentos. Isso vai acontecendo com muitos dos nossos colegas que migram para os órgãos do estado que tem mais dinheiro. Outro aspecto é o material, algumas redações trabalham de maneira arcaica sem recurso às novas tecnologias, ao computador, aos equipamentos digitais o que prejudica a qualidade do material. Aqui na Ecclésia usamos as duas formas de captação de som, a digital e analógica, isso porque é um fenómeno do jornalismo angolano que muitos profissionais têm resistência à mudança, para adaptar-se com aquilo que é novo leva-se muito tempo.

2. Como está a qualificação profissional do jornalista angolano?

Os cursos de comunicação social e jornalismo são muito recentes em Angola, durante muitos anos trabalhou-se apenas com profissionais que tinham apenas o ensino médio e que

agüentaram as redações até 2002, quando abriram os primeiros cursos superiores privados. Muitos profissionais nem passaram pelo instituto médio e foram aprendendo pela prática, através da experiência dos jornalistas mais velhos, estagiavam nas próprias redações. Muitos colegas se formam em outras áreas e se dedicam ao jornalismo como atividade principal, são muito poucos aqueles que se formaram em jornalismo.

3. É difícil falar com algumas fontes?

Aqui há uma rádio privada que pertence a um partido político e outra que tem acionistas do partido majoritário. Nós somos uma empresa privada onde nosso sócio majoritário é bem conhecido, aliás, único, que é a Igreja Católica, então nós estamos em outra barricada e temos de fato dificuldade em ascender às fontes oficiais. Alguns dos assessores ao invés de ajudar atrapalham, é muito difícil trabalhar assim, então vamos fundamentalmente trabalhando com a sociedade civil, com as igrejas e com Ong's nacionais e internacionais que nos prestam algum serviço.

4. Qual o tipo de pressão que você sente no seu trabalho diário?

Para além da pressão econômica, trabalhamos com pouco dinheiro e também recebemos pouco dinheiro. A pressão política é muito forte, eles nos julgam como uma rádio da oposição, quando a Rádio Ecclésia não se assume como sendo da oposição. A sociedade precisa de uma radio como esta porque ainda tem papel de escape social. As pessoas podem falar e opinar, nós prestamos verdadeiramente um serviço público. As denúncias dos cidadãos contra governantes, casos de corrupção, casos de falta de ética dos governantes, escândalos de corrupção que vem do exterior só entram na rádio por nós. Não só no campo político, mas também no campo social. Nós só temos um defeito, não fazemos jornalismo investigativo, por falta de meios e por falta de formação profunda na área.

5. Quais os maiores pecados do jornalismo angolano?

Não diria pecados, diria limitações. Como a falta de formação, a fuga constante de jornalistas para outras áreas de atividade como assessoria de imprensa ou em um outro ramo qualquer que dê mais dinheiro. Talvez pecado mesmo seja a falta de dinheiro do jornalista angolano, aquele que se dedica só ao jornalismo geralmente é pobre, o que traz conseqüências porque ele está mais vulnerável a outras práticas.

6. De que forma o rádio ajuda a população?

Prestando serviço público, nós temos uma variedade de programas que ajudam a população. Estou a falar dos programas de educação cívica, de direitos humanos, eleitoral, direitos do cidadão, assuntos de caráter social e religioso são debatidos. De 2002 a 2005 foi uma época extremamente sensível para os angolanos por causa do fim da guerra, houve necessidade de muita gente ser repatriada ou reinserida na sociedade, os ex-militares, os deslocados de guerra, os refugiados que estavam nos países vizinhos. Tínhamos um programa que se chamava *Roteiro da Paz*, que ajudava as pessoas a pacificação, a mensagem da igreja e acho que de alguma maneira contribuimos para que as pessoas vissem no ex-militar que esteve em um dos lados não como um inimigo, mas como alguém que possa contribuir para o desenvolvimento do país. Ouvíamos políticos, os próprios militares, deslocados, alertávamos as ONG's para onde havia necessidade de comida. Foi um dos maiores contributos nesta fase pós guerra que a rádio Ecclésia deu.

*** Paulo Araújo**

1. De que maneira as rádios tem ajudado a população em Angola depois da guerra civil?

Na altura da sua independência 99% da população era analfabeta por isso a importância da rádio. A informação antes da independência era muito controlada e depois de 1975 quando se instalou o regime monopartidário o controle sobre a informação continuou. A rádio através das ondas médias e curtas chega a todo o país e as pessoas adquiriram em Angola o hábito de ouvir rádio, a rádio é uma coisa espontânea, dinâmica e aquilo que a rádio transmite tem credibilidade. As pessoas usam as rádios, desde a independência até aqui, para todos os tipos de coisas como trocar mensagens, pedir músicas, comunicar falecimentos, apresentar reclamações do seu quotidiano, promover seus serviços. As pessoas em Angola dependem essencialmente da rádio para se comunicar. Com as rádios privadas as pessoas têm acesso a pontos de vista diferentes daqueles da rádio do estado, que só passa coisas do estado, só tem uma visão dos fatos. Ela faz um bom serviço de utilidade pública, mas não cumpre seu papel jornalístico como ele deve ser cumprido. A LAC é uma rádio estilizada, seu público alvo é a sociedade média-alta, em função do tipo de informação que é transmitida, nós tratamos de assuntos locais, os assuntos nacionais só os de maior interesse e análises internacionais também.

2. De que forma a LAC se aproxima deste público alvo?

Pelos comentários que nós produzimos, os nossos especialistas são de fato especialistas. Nós na LAC temos um cuidado especial na forma de falar, com a música que tocamos.

4. De forma geral de que forma o rádio tem ajudado na reconstrução de Angola?

A radio, mesmo a radio oficial, diz às pessoas para fazer as coisas certas, diz o que esta mal. A radio é de grande ajuda, primeiro denunciando, segundo pela sua importância e grande audiência, ela não é só ouvida como respeitada.

7. Quais as principais dificuldades enfrentadas pelos jornalistas?

Os jornalistas são muito mal pagos, o que pode de alguma forma levar a não cumprir seu papel de jornalistas com profissionalismo. A questão principal é a remuneração.

9. A questão da falta de publicidade atinge todas as rádios privadas?

Todas as rádios privadas. Com exceção das do estado, todas vivem com enormes dificuldades para manutenção e melhoria dos seus equipamentos e para pagarem os salários. As rádios em Cabinda, Benguela e no Lubango estão nas mesmas condições.

12. Não há assédio por parte de pessoas ou empresas para com os jornalistas de radio?

Alguns dos nossos colegas jornalistas prestam serviços de assessoria de imprensa para algumas instituições e empresas. Se isso é comparar os jornalistas, então sim, eles são comprados. Quem tenta aliciar os jornalistas é o estado.

*** Antônio Meireles**

1. Como você analisa os meios de comunicação em Angola?

Como eu disse ocorreram mudanças muito grandes. Houve uma evolução, principalmente porque o país estava em guerra então tudo estava meio parado, inclusive a circulação das pessoas e dos meios de comunicação. Era tudo meio limitado, todas as instituições estavam funcionando pela metade. Desde 2002, há um processo de democratização, há a volta do estado de direito, da circulação de pessoas e dos meios de comunicação. Esta abertura

influencia a própria liberdade de imprensa, apesar do alcance da mídia privada ainda ser bastante curto. Quem cobre o país todo é a imprensa estatal e mesmo ela tem muitas dificuldades materiais para alcançar todo o território principalmente a televisão e o jornal. O rádio é de fato a mídia que alcança o país inteiro, que tem maior audiência, maior recepção, maior popularidade, é o veículo mais bem tratado, mais bem realizado em Angola. É o que exerce o jornalismo tecnicamente superior, com mais qualidade talvez até pela própria facilidade técnica que o rádio oferece em relação a televisão. O rádio é aquele que conseguiu formar mais pessoas, tem melhor capacidade técnica e profissional. Tanto a televisão quanto o jornal tem limitações muito mais graves desde o alcance até a própria capacidade de realização.

Os semanários são muito mal realizados, eles se pautam por uma vertente muito sensacionalista. Passam uma ideia de contestação, de oposição, de ser a única voz que se volta contra o regime, contra a cumplicidade da imprensa oficial com o governo. Só que na verdade eles são extremamente sensacionalistas e tem uma abordagem muito irresponsável, são capazes de colocar uma grande denúncia ouvindo só uma fonte que nem é revelada. Eles acabam sendo um instrumento político dos próprios elementos que estão no governo. O governo tem grupos e disputas internas, estes jornais acabam emprestando seu espaço para campanhas de difamação, denúncias que são orientadas e até pagas por determinados grupos. Isso não significa que eles não façam matérias de interesse público, eventualmente eles aprofundam matérias que a imprensa estatal não aborda. Quando eu falo dos semanários, eles não são todos iguais, tem suas nuances, uns tem matérias serias, com boas colunas.

A estrutura da TV é muito cara e muito onerosa não é qualquer pessoa ou empresa que consegue montar uma televisão, é um investimento altíssimo, em geral é o tipo de

investimento que é filtrado pelo próprio estado. Quebra-se o monopólio, a possibilidade de investimento nesta área é aberta, mas quem pode investir são muito poucos.

2. Qual é o papel das rádios depois da guerra civil?

Acho que o veículo que consegue atrair a população, despertar interesse efetivo é o rádio. A população já tem a perspectiva que a Rádio Nacional de Angola está prestando um serviço à sociedade. Principalmente através da Rádio Luanda, que tem um jornalismo mais popular, prestação de serviços, tem um nível de intervenção mais crítica, já contesta, pergunta e é mais imparcial. A rádio Ecclésia é ligada a igreja católica e tem uma posição mesmo de oposição clara, mas tecnicamente também tem muitas limitações e só transmite para Luanda. Ela se destaca na opinião pública porque trata de assuntos polêmicos ou que não são do interesse do governo de maneira explícita e clara.

A LAC mantém uma postura intermediária, ela tenta passar uma imagem de independência, mas por vários motivos é ligada também a estrutura do governo. Ela tem uma postura mais neutra do que a Ecclésia, mas ainda assim mais aberta do que a Rádio Nacional. Conta com um repertório mais variado de colaboradores e não é tão alinhada politicamente, mas não tem uma postura de oposição clara como tem a Rádio Ecclésia.

3. Quais as principais dificuldades dos meios de comunicação?

Em se tratando de TV, as opções são muito poucas. Em relação ao jornal você tem a dificuldade do público leitor que é muito pequeno. Os jornais privados vivem basicamente de publicidade e matéria paga, não é da sua venda, a tiragem é muito pequena. As poucas pesquisas de opinião a que tive acesso deixam evidente que o veículo de maior credibilidade é o rádio, mesmo a Rádio Nacional de Angola tem muito mais credibilidade do que a televisão

e o Jornal. O Jornal de Angola é aquele que tem menos apelo e menos aceitação, até pelo fato de ser uma mídia impressa e despertar pouco interesse. Houve muita evolução, mas ainda há muita limitação técnica. Os textos ainda são muito carregados, pesados, tem muito oficialismo e formalismo. As matérias são muito pautadas pela opinião e pelo estilo de quem escreve, são muito editorializadas. Há muita opinião e pouco jornalismo.

*** Mário Vaz**

1. Porque você saiu do rádio e veio para a TV?

Vou te responder muito seriamente, porque me pagavam mais. Eu não gosto da televisão mais do que do rádio, são mundos completamente diferentes, mas o salário da TV é melhor.

2. Qual a importância da TPA para Angola?

A importância da televisão para o país nesta fase de paz é a chance de trabalhar na mentalidade do angolano. Dar a conhecer coisas positivas, educar e nós estamos a lutar por esta perspectiva não meramente o aspecto político. Eu acredito que está chegando uma nova era para a televisão, estamos percebendo que assistir televisão durante a manhã esta se tornando um habito, coisa que não havia até pouco tempo. Estão sendo planejadas estratégias de massificação, inclusive com a importação de televisores portáteis. A expectativa da expansão da televisão é uma coisa pra já, outras emissoras devem vir pra cá logo.

3. A expansão da TV coincide com a perda de audiência do rádio?

Não diminui em nada a importância da rádio, devido à perspectiva da acessibilidade. A rádio é muito mais rápida e menos dispendioso. Ela vai continuar a ter seu papel, a televisão vai crescer, mas uma não anula a outra.

4. Qual a maior contribuição do rádio depois da guerra?

Para mim foi a nível da expansão da música angolana, porque o país nunca consumiu tanta música angolana como hoje. O maior dos ganhos e a maior conquista que a RNA teve foi de fazer o angolano gostar de música angolana.

*** Víctor Aleixo**

1. A importância do rádio vai diminuir?

A televisão rouba muita audiência, mas isso depende da estratégia que se vai adotar pela própria televisão no sentido de melhorar os conteúdos. Se isso acontecer ela pode se agigantar e pode também se tornar um órgão de referência. Enquanto o país não se normalizar de forma sustentável eu acredito que a radio vai ter um papel fundamental.

2. De que forma o rádio ajuda a população?

Em um país que quer reconstruir as sua bases há muitas coisas que não podem ser ignoradas. A rádio tem sido um verdadeiro órgão de divulgação de mensagens de educação cívica e faz jus aquele ditado “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”. Suas mensagens são mais rapidamente divulgadas e alcança muito mais rápido a população.

3. Quais as principais pressões que os meios de comunicação sofrem no dia-a-dia?

É uma população com muita ânsia de informação. Por causa desta sede de informação a população cobra dos veículos que eles melhorem sua qualidade. Do ponto de vista político são pressões naturais, normais de um estado que se liberta das grilhetas de uma só voz e passa a ouvir varias opiniões.

*** José de Belém**

1. Quais as maiores dificuldades que você encontra no seu dia-a-dia?

As maiores dificuldades são quando nós vamos a procura de informação. É um bocado difícil, nós não temos a cultura de divulgar as coisas. As pessoas fazem de tudo para que alguns acontecimentos não venham à tona, sobretudo quando compromete determinadas entidades. Creio que isto é fruto do comunismo selvagem que tivemos aqui em Angola. Esta é a principal dificuldade que encontramos para fazer rádio, sobretudo por um órgão de comunicação social como a Ecclésia, que aborda os fatos de forma ampla e isenta.

2. Como você aborda notícias sobre violência, corrupção, etc?

É essencialmente disto que nós falamos aqui. Questões sociais de forma mais alargada: saneamento básico, dificuldades de transporte e nós procuramos levar isto à tona para que as autoridades se informem e compreendam. Eu acho que estes problemas poderiam ser melhor resolvidos se o nosso país tivesse uma política de rádio mais facilitada, hoje em dia, para abrir uma rádio em Angola é muito difícil. Nós estamos muito atrasados nesta matéria, precisamos de rádios comunitárias para fazer circular a informação, as pessoas precisam tomar conhecimento do meio em que vivem, das dificuldades que os rodeiam. Temos índices de analfabetismo muito altos e tem pessoas adultas que tem vergonha de aderir a cursos de alfabetização porque não tem informação adequada, não são persuadidas da maneira mais correta. Talvez as rádios comunitárias facilitariam em grande medida esta situação. As dificuldades nas províncias são piores do que em Luanda, porque eles só ouvem a Rádio Nacional e há províncias em que o rádio não chega. Então eles não têm informação nenhuma.

4. As rádios têm contribuído para a melhoria da vida da população?

Eu julgo que sim. As rádio tem feito trabalhos, sobretudo junto às comunidades, para informar com verdade, alertar a população e dotá-las do conhecimento que elas devem ter sobre aquilo que constituem os seus direitos e obrigações. Acho que o papel das rádios tem sido fundamental neste aspecto. A Rádio Nacional tende a proteger muito o governo e a ocultar algumas informações, mas independentemente destas situações ela tem feito o seu papel.

6. Qual será o futuro das rádios?

Quer queiram quer não as rádios vão continuar a progredir e há perspectivas boas. As pessoas que estão a frente das organizações de jornalistas no país tem lutado, com as poucas forças que tem, mas tem lutado. Eu acredito que as rádios vão continuar a expandir-se, a criação de rádios comunitárias vai ser um fato e aí, quem sabe, o povo estará melhor informado, menos analfabeto e se calhar até mais feliz.

7. Como é a qualificação dos jornalistas em Angola?

É um grande problema. Nós temos esta carência de quadros. Há muita vontade da parte dos jornalistas, mas nós precisamos também que nos facilitem a vida, precisamos de muita formação na área. Quanto mais centros de formação o país tiver melhor.

*** Adilson Bacelar**

1. Quais os principais problemas de Angola?

Eu vejo, eu vivo em Luanda há nove anos, tenho filhos aqui então posso falar com certa propriedade. Por causada da guerra o angolano se tornou muito independente, ele não está preocupado com o vizinho, com as outras pessoas. O angolano não tem senso de comunidade

por causa do período de guerra. O angolano já sabe que precisa mudar, mas é um processo lento.

2. Qual rádio você ouve com mais frequência?

Eu gosto mais da rádio Luanda, apesar de não falar todas as verdades na rádio. O país ainda está em um período de mudança, acho que as coisas têm que ser colocadas aos poucos. Querendo ou não a mudança vai chegar. Acho que a música que toca aqui nas rádios de Luanda é que está despertando o povo, a música esta direta ou indiretamente falando das coisas que não estão bem e se pode tirar muitas coisas boas das letras. Eu acredito na música, as vezes passa despercebido, mas a mensagem esta lá.

A radio tem muitos programas que falam sobre higiene, se for dirigir não beber. Mas ainda faltam programas de utilidade pública, informações sobre o trânsito, corte de energia, interdição de ruas e não comunicar isto é uma falta de respeito que utiliza estes serviços. Mas a radio chega de forma muito mais rápida que a televisão.

*** Leonardo Salomão da Silva Gonçalves (Lombi)**

1. Você confia nas informações veiculadas nas rádios?

Eu confio mais nas rádios privadas. Os meios de comunicação, tanto o jornal quanto as rádios, eles não tocam em assuntos que é de interesse de todos, se é algo muito critico eles preferem não mostrar. Eu gosto de escutar a rádio Ecclésia e a LAC, mas não confio cem por cento. As rádios ajudam a manter as pessoas informadas, mesmo se a informação não é 100%

2. De que forma as rádios ajudam a população?

Ajudam as pessoas a abrir as mentes, a refletir, a confrontar-se. Uma sociedade que não tem comunicação não vê o desenvolvimento das coisas, o que acontece no país.

3. Como o rádio pode ajudar ainda mais a população?

Democratizando as rádios e expandindo os sinais das rádios para o país inteiro. As rádios não chegam a todas as províncias. Isso limita a importância do rádio, pois o número de pessoas que teriam acesso à informação no país todo é reduzido. As pessoas de Luanda são muito mais informadas do que as pessoas do restante do país.

4. Quais são os principais problemas de Angola?

Os problemas mais graves são em relação à saúde, educação e de infra-estrutura. Se não forem resolvidos a sociedade não cresce. As rádios poderiam abordar mais os problemas da corrupção, da formação de profissionais, falar do salário do professor, que não motiva o profissional a ensinar, as escolas são poucas. Os professores universitários trabalham em várias universidades, acumulam turmas e às vezes não dão atenção a todas. O saneamento básico e as condições hospitalares são péssimas, é quase um homicídio.

5. Você é do interior do país, como foi para você viver durante o conflito?

Sou natural da província do Bié e vim para Luanda em 1994 durante um período de paz (Acordo de Lusaka). Passei lá todo o conflito e foi trágico mesmo. Eu estava em Luanda visitando irmãos que moravam aqui, mas voltei para o Bié achando que a situação estava boa. O povo não desconfiava que o país fosse entrar novamente em guerra, mas os políticos sabiam. A guerra recomeçou em Luanda e se alastrou para o interior. A minha província foi muito atingida e os confrontos se espalharam no país todo. Começou os confrontos nas cidades entre as tropas rebeldes e o governo.

Os grupos do Savimbi (líder da UNITA) venceram no Huambo, que é a província vizinha do Bié, houve massacres e muitas barbaridades. No Bié foi o contrário, as tropas do governo

ganharam, mas a UNITA tinha facilidade em movimentar as suas tropas por que o Huambo estava ocupado. A cidade onde eu estava foi muita torturada por isso e porque resistiu até o fim. As tropas do governo estavam reduzidas, mas conseguiram manter o controle. Durante dois anos, de 1992 a 1994, foi um sofrimento terrível. Enquanto eles estavam nas matas eles começaram a se organizar. Para passar de uma cidade a outra é preciso passar pela mata e a UNITA impedia isso.

Depois de um mês as provisões de comida acabaram, começaram a invadir os armazéns e as coisas saíram do controle. Todas as lavras, a produção dos campos tinham acabado e os aviões já não aterrissavam para trazer alimentos, a comida não chegava. Era muito difícil, as pessoas começaram a morrer de fome, a apanhar doenças por falta de sal e proteínas, as pessoas começaram a morrer aos poucos. A cada dia que passava os rebeldes se aproximavam cada vez mais da cidade. Era uma situação difícil porque as pessoas não podiam sair, não tinham livre circulação, muitas pessoas morreram quando saiam a procura de água ou de comida. Eles consideravam que todos que estavam na cidade eram inimigos. Há quem perdeu a família completa. O meu pai mesmo perdeu quase toda a família. Atualmente ele é o único “mais velho” da família. A situação era muito difícil principalmente para as crianças, muitas morreram de anemia, as pessoas começaram a comer cães, gatos, raízes de bananeira, folhas.

A guerra foi duríssima. Havia situações que as pessoas para conseguir alguma coisa para comer tinham que andar quilômetros e tinham que sair da cidade, se arriscar de noite para ir às zonas que ainda havia alguma reserva de cultivo. Faziam quase uma semana de caminhada, mas as pessoas iam porque a família já se encontravam totalmente debilitada, sem ter como sobreviver, muitas vezes quando voltavam encontravam a família morta de fome ou já em estado grave. Inclusive já presenciei, não é uma coisa que ouvi dizer, eu mesmo vivi, já fui testemunha de um tio meu que faleceu de fome. Nem imagina o quanto isso me doeu. Este tio já estava umas semanas sem meter nada no estômago, porque sem comer todo mundo já

estava. Se calhar só comia uma coisinha de nada, as pessoas arranjavam alimentação de forma a por algo no estômago para ver se o organismo resiste um bocadinho. Todo mundo estava na luta pela sobrevivência, o mais fraco morre.

Havia o fornecimento de comida via pára-quadras, mas que não era suficiente, às vezes iam parar nas áreas onde a UNITA já havia ocupado. E era mais pra manter as necessidades das tropas, forneciam alimentação e material bélico, tudo feito por pára-quadras. Chegou uma fase que as tropas estavam cada vez mais reduzidas, então todos os homens e mulheres tinham que lutar para se defender, não importa se você tivesse quatorze ou quinze anos. Eu na altura tinha 12 anos e não precisei ir, mas na retaguarda a gente era tipo soldado, não tinha escolha. Tem que andar a procura do que comer por que senão você morre, têm que ficar atento a várias situações, tem que saber estratégia militar caso se deparasse com uma bomba, foi uma vida de soldado praticamente.

A gente saía de uma zona onde a UNITA estava se aproximando e ia para outra. Eu morava na periferia, mas a gente se refugiava na cidade porque lá também havia abrigos subterrâneos. Tinha um cunhado que havia cavado um *bunker* na casa dele. Se uma bomba batesse as pessoas não eram atingidas, inclusive já passei algum tempo dentro deste *bunker*. Quando a guerra começou as pessoas tinham que cavar buracos de 4 por 3m e por cima punham grandes troncos de árvore. Quando começava a hora dos bombardeios era um problema. Bombas mesmo, você nem imagina. Tinha um período de manhã cedo que as pessoas chamavam de mata-bicho (café da manhã), começava lá pelas seis e ia até as nove, tinha o período das 12 até as 14h, dava uma pausazinha e começava das 18h até a madrugada. A cidade ficou quase toda destruída.

No momento de guerra já ninguém tinha uma residência própria, todo mundo era nômade, todo mundo era igual, não importa se foi chefe ou empregado. O objetivo era o mesmo, atingir a sobrevivência. A UNITA vinha de noite entrava em alguns bairros e matava as

pessoas. Eu já vivi uma situação desta por duas vezes. Só ouvimos um disparo de pistola, este era um sinal que o inimigo ia entrar no bairro. Nós estávamos em casa e estava a chover. Para se proteger da chuva uns soldados correram e outros se esconderam, e foi bem na nossa casa. Ficaram na nossa varanda e conversando na língua local: Vamos entrar na casa. E nós a ouvir, dentro de casa, cheios de medo, a ouvir tudo. Um soldado insistia: Vamos entrar! E outros diziam: Não, não é aqui. Eles ficaram no bairro até as nove da manhã naquele dia, entrando e matando, levaram alguns rapazes.

Então este receio nos fazia mudar de residência toda hora. Havia muitas casas abandonadas, porque muitos fugiram das áreas ocupadas pelo inimigo a procura de melhores condições nas áreas rurais que ainda havia alimentação. Num destes dias que nós estávamos no refugio perto da cidade tínhamos ouvido que a UNITA ia atacar e fomos para casa do primo do meu pai. Assim que a gente entrou tinha um tiroteio muito grande, os tiros a bater em todo o canto. Entramos na casa. Encontramos ele mal mesmo, já a convulsionar. Não tínhamos nada, naquele dia nem tínhamos comido e ele estava a dizer: Vou morrer de fome, não comi nada, tenho família e nós vamos morrer, vou morre mesmo. Então nos perguntamos o que fazer. A minha mãe na altura sugeriu uma coisa que talvez funcionasse. Dar-lhe água quente com sal, se calhar reanimava ele. Mas não ouve iniciativa dos próprios filhos dele e o tiroteio estava tão intenso que quem saísse não voltava. Lá pelas quatro da manha, meu pai disse que ele tinha morrido. Foi mesmo fome, a gritar, a chorar, a falar que estava morrendo de fome, a doer.

Nesta fase era mesmo terrível, você via uma criança toda debilitada, com anemia a andar pelas ruas, se calhar encontrava algum bago de milho. Você contava os dias, se aquela criança completasse uma semana era sorte. Era sorte. Aquilo era quase sempre, morreu tanta gente que saia a procura de alguma coisa e era atingido. Nesta fase a morte das pessoas era uma coisa normal, porque já sabiam que iam morre mesmo. Cada dia que passava morria gente tão

próxima, as pessoas já não tinham aquele sentimento. Se morria alguém era só lamentar. Era sempre, era constante.

Na guerra perdi um irmão, um tio, muita gente próxima, primos, amigos. Nesta fase trágica, nós estávamos quase desistindo de ficar na cidade e ir para as matas, mas a minha mãe temia porque eu tinha dois irmãos que eram militares. Então se a gente fugisse é obvio que a UNITA ia procurar investigar quem éramos nós e sempre ia ter alguém a mostrar que pertencíamos ao MPLA. Então preferimos agüentar mesmo, até o fim de tudo.

Havia sempre algumas fases de cessar fogo, mas que depois a guerra começava de novo. Houve uma fase que nós tivemos que abandonar a cidade e fomos a uma comuna próxima, mas lá já não havia mais alimentação. A gente tinha que passar no controle da UNITA. Você nem imagina. No controle tinha uma montanha cheia de cadáveres a deteriorasse, todas as pessoas que morreram naquela área estavam a procura de comida. Para chegar à comuna do Kuito, estávamos a andar em fileira, em um caminho estreito e que nas bordas tinham minas. Então você nem podia tropeçar, qualquer desequilíbrio você acionava uma mina. Tínhamos que esperar no posto de controle o comando das tropas da UNITA para saber se a gente podia passar ou não. Estávamos ao lado de um cadáver todo estragado, a deitar cheiro, a roupa toda já caída. Uma senhora cuspiu e um tropa da UNITA veio e disse: A senhora cuspiu, mas quem morreu não é burro não. E mandou que a senhora beijasse o cadáver.

É uma historia muito longa, porque cada dia é uma historia. Ficamos alguns meses nesta comuna, tinha comida mais ou menos. A minha mãe estava a adoecer muito lá então decidimos voltar para a cidade. A UNITA tinha dominado o aeroporto e fez um acordo com o governo que tudo que chegasse nos aviões tinha que ser dividido ao meio, exceto armamento, que não podia passar. A cidade estava ocupada de tal forma que só tinha sobrado uma rua que e o bairro onde eu vivia. Foi quando uma bomba caiu na nossa casa. Tinham começado a bombardear então entramos no refúgio e só ouvimos o estrondo longe. Quando saímos a

bomba tinha caído na nossa casa, que ficava perto de um posto avançado do governo e ficamos ao relento. Não sobrou nada. Ficamos morando no *bunker* e depois fomos morar em outro sítio.

Um mês depois começaram a intensificar a defensiva e conseguiram afastar a UNITA. Quando as tropas do governo começaram a retomar alguns bairros da cidade foi quando nós viemos para Luanda. A situação estava normal, mas não queria dizer que a guerra tinha acabado na sua totalidade, a UNITA tinha se afastado ainda mais. Eu não sei o que é que houve, mas me pareceu um milagre as tropas da UNITA terem recuado, depois de alguma semana os aviões já podiam aterrissar.

Uma das coisas que mais me marcou foi quando eu perdi o meu irmão. Nós o enterramos no quintal porque não tinha possibilidade de ir ao cemitério. É difícil esquecer, é uma coisa que fica contigo. Você está a fazer outras coisas, mas tem sempre este trauma na mente. Depois de passar por esta tragédia toda seria bom ver um país direito, que toda a gente pensa no coletivo. Até hoje me pergunto como foi possível.

A experiência que eu tive fez eu me interessar mais por política e nos aspectos ligados ao país. Comparando a UNITA com o MPLA, pela experiência que eu tive, eu digo que é a mesma coisa. Não tem muitas diferenças, somos todos angolanos.

*** Antônio Magalhães de Sousa**

1. Que meios de comunicação você usa para se informar?

Ouçó rádio muito frequentemente. Também tenho acesso a televisão, jornais, revistas e internet.

2. Tem uma emissora que você ouve com mais frequência?

Para temas políticos escuto a Rádio Ecclésia. A Rádio Luanda e na parte esportiva escuto a Rádio 5, que é especializada em esportes. As notícias da Rádio Ecclésia e da Rádio Nacional são vistas de ponto de vistas diferente, então se a gente escutar só a Rádio Nacional terá só um ponto de vista, que é aquele que defende mais o interesse do Estado do que da sociedade. A Rádio Ecclésia preocupa-se mais com o aspecto social.

4. O governo pressiona os meios de comunicação para não veicular determinada informação?

Muito. Inclusive a Rádio Ecclésia tem um problema porque eles só emitem para Luanda e gostariam de ter o sinal em todo o território, mas pelo impedimento do governo não conseguem emitir. E o único canal que tem a frequência nacional é a Rádio Nacional e só.

5. Você confia nas informações que os meios de comunicação transmitem?

Isso depende do assunto. A maioria é credível.

6. De que maneira as rádios tem ajudado a população?

Se levarmos em conta as cidades mais desenvolvidas, elas têm ajudado muito no desenvolvimento e na educação. Nestas cidades ajudam bastante, mas no interior do país as pessoas têm mais acesso à Rádio Nacional.

7. De que forma as rádios poderiam ajudar mais?

Acho que o rádio ajudaria mais se as pessoas tivessem acesso a todas as emissoras. Tivessem o mesmo numero de informação que as pessoas de Luanda tem. Acho que a primeira necessidade era expandir as emissoras privadas para todo o território e a segunda, melhorar os programas no sentido de que não fossem tão politizadas. Não fossem tendenciosos nem para a oposição nem para o governo.

8. Quais os principais problemas que Luanda e Angola enfrentam hoje?

Os problemas de Luanda não são os problemas de Angola. Os principais problemas de Luanda são os habitacionais, a cidade está super povoada e não há políticas para que as pessoas retornem para o interior. Acho que este é o principal problema para a cidade. No restante do país é a falta de oportunidade que se dá as pessoas que são naturais de lá. Porque as oportunidades estão todas concentradas aqui em Luanda.

10. Você ouviu nos noticiários estes problemas serem abordados?

Infelizmente não.

11. Gostaria de acrescentar alguma informação?

Acho que o importante para a reconstrução do país é criar no próprio angolano uma mentalidade diferente, porque nós infelizmente, temos uma mentalidade de termos as coisas só para si e nunca ajudar o próximo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A RECONSTRUÇÃO DE UM PAÍS PELO RÁDIO

Baseado nas entrevistas feitas com jornalistas, profissionais de comunicação e ouvintes, levantamento e análise bibliográfica, é possível afirmar que a rádio em Angola é de extrema importância para a sociedade depois do fim da guerra civil. Nomeadamente a rádio Luanda Antena Comercial (LAC), Rádio Ecclésia e Rádio Nacional de Angola (RNA), contribuíram para a melhoria das condições de vida da população através dos seus programas, debates e campanhas. A programação auxilia a população abordando temas de cunho social, cultural e educacional. A sociedade angolana tem no rádio seu maior instrumento de comunicação envolvendo-se de maneira fundamental no projeto de reconstrução nacional.

6.1 Qualificação profissional

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo jornalismo em Angola e apontadas pelos entrevistados é a pouca qualificação dos profissionais de comunicação. Isso porque no passado não havia cursos superiores de comunicação, apesar de haver desde a época da guerra o curso médio de jornalismo. Muitos profissionais aprenderam a fazer jornalismo na prática, com jornalistas mais experientes dentro dos veículos onde trabalhavam. Assim a formação de alguns profissionais deixa a desejar, inclusive pela má qualidade do ensino básico do país existem dificuldades no domínio da língua portuguesa. Somente em 2002 foram abertos cursos superiores de jornalismo. O curso é oferecido pela Universidade Agostinho Neto, Universidade Independente de Angola, Instituto Superior Privado de Angola e Instituto Médio de Economia de Luanda. Sendo que as primeiras turmas foram formadas em 2006.

6.2 Baixos Salários

A área da comunicação social ainda não está devidamente regulamentada, deixando buracos na legislação que impedem um melhor funcionamento do mercado.

Os jornalistas angolanos sofrem com os baixos salários, que obrigam muitos profissionais a se dedicar a empregos em outras áreas que sejam mais rentáveis, inclusive em assessorias de imprensa de órgãos públicos e empresas podendo haver conflito de interesses. A má remuneração facilita a corrupção de profissionais por parte de pessoas e instituições.

6.3 União da classe jornalística

Não há entre os profissionais angolanos um sentimento aguçado de pertencimento a uma classe. Os profissionais têm formações bastante diferentes e não partilham um código deontológico, o que acaba por dificultar a união da classe e sua representatividade. A falta de regulamentação do mercado da comunicação social, publicidade, jornalismo, assessoria de imprensa, contribui para a falta de sentimento de classe entre os profissionais. Existem no país duas instituições que se encarregam de representar os jornalistas, a União dos Jornalistas Angolanos e o Sindicato dos Jornalistas Angolanos.

6.4 Concentração espacial da mídia

Os veículos de comunicação no país se concentram em Luanda e não são muitos. São seis rádios privadas e cerca de dez semanários, além das empresas estatais: Rádio Nacional de Angola e suas emissoras regionais, Televisão Pública de Angola, agência de notícias Angola

Press (ANGOP) e Jornal de Angola, que são os grandes empregadores. Esta escassez de meios significa que o jornalista, por falta de opção de trabalho, se sujeita a baixos salários, más condições de trabalho e aceita linhas editoriais que não concorda.

6.5 Censura internalizada

O passado recente de Angola, os anos de luta anticolonial e seus 27 anos de guerra civil, marcaram profundamente a realidade presente do país, a vida das pessoas e as práticas comunicacionais. Assim, uma das práticas mais destrutivas do jornalismo de Angola é a autocensura. Resquício de uma enorme concentração de informação nas mãos dos representantes do governo que controlavam a informação em todo o país através das empresas estatais de comunicação. Apesar dos jornalistas angolanos não sofrerem com a censura explícita do governo, sofrem com pressões mais sutis e complexas de caráter político e econômico, que dificultam o exercício da profissão.

6.6 Acesso às fontes

A dificuldade de acesso às fontes perpassa todos os veículos de comunicação de Angola, inclusive os estatais. Há uma cultura de não informar o público, de não divulgar informação conseqüência dos anos de conflitos e da centralização do poder do estado comunista angolano. Os trabalhadores de empresas do governo não dão informação e às vezes até dificultam o acesso destas aos jornalistas. Os meios privados sofrem ainda mais com a restrição de acesso às fontes, dificultando a realização de um jornalismo de qualidade, em que se apresenta ao público o princípio básico do contraditório.

6.7 Lei de imprensa

A nova lei de imprensa aprovada e em vigor desde 2006, atende melhor aos desejos e necessidades dos jornalistas e é considerada um avanço em relação a anterior. A nova lei de imprensa aprofunda as mudanças começadas com a abertura política em 1992 com o fim do monopólio da transmissão de rádio e impressos. Esta lei acaba com o monopólio total do Estado da radiodifusão no país, incluindo o da televisão. No entanto, algumas condutas jornalísticas ainda são punidas excessivamente. As normas são abordadas de maneira vaga e genérica e a legislação complementar ainda não foi definida.

6.8 O rádio na reconstrução nacional

O rádio angolano tomou para si um projeto nacional que deve também ser assumido pelo estado. Em vista das peculiaridades da história recente do país, as rádios desenvolvem trabalhos sociais, culturais e até humanitários junto à população de fundamental importância. Esta atitude independe da rádio ser do estado ou privada, todas elas entenderam a necessidade de reconstrução nacional e contribuíram através de programas voltados para a ajuda da população durante a guerra e ainda hoje.

Campanhas cívicas são transmitidas por todas as rádios. Estas campanhas abordam temas como violência, AIDS, saúde, direitos do cidadão, comportamento, etc. O objetivo primeiro das rádios é informar, comunicar, mas é também através das campanhas voltadas para a informação e educação da população, principalmente aquela mais pobre que e é em geral analfabeta, que as rádios angolanas contribuem para a reconstrução do país. O projeto de informar e educar a população, através de debates, discussões, participação dos ouvintes, foi tomado para si.

Durante os anos de conflito o país viveu uma realidade muito difícil onde crianças eram raptadas e transformadas em soldados e muitas famílias se desfizeram. Filhos, irmãos, esposas e maridos, avós e sobrinhos foram separados. Com o fim do conflito as famílias que tinham se separado tentavam achar seus parentes e esta procura foi uma das ações que as rádios ajudaram a ser cumprida. Junto a organizações não governamentais as rádios contribuíram para a disseminação de informações que ajudaram parentes a se reencontrarem. De acordo com o estudo de Sitânio Bumba (2007) sobre a reinserção social (processo que consiste no regresso de alguém para o seu local de origem) em Angola, é possível tirar algumas conclusões.

A pesquisa feita com cem pessoas entre jornalistas e outros profissionais aponta:

- * 77% dos entrevistados confirmou que o rádio desempenhou papel ativo na reinserção social.
- * 43% dos entrevistados declarou serem muitos os programas que contribuíram para a reinserção social, sendo a Rádio Nacional de Angola a empresa que mais tem transmitido este tipo de programa na atualidade.
- * As zonas norte (23%), sul, (21%) e centro (21%) foram apontadas como as que sofreram maior influência do rádio na reinserção social.
- * 52% dos entrevistados declarou que o rádio foi o meio de comunicação que mais contribuiu para a reinserção social.

6.9 Importância do rádio

O rádio tem um papel de articulador social, educativo até didático em relação à educação cívica, saúde, direitos dos cidadãos. As rádios tomaram para si um papel que cabe às autoridades desenvolver. Este papel é revelado com o tipo de programação desenvolvido por cada rádio, que leva em consideração um projeto de união nacional, de crescimento e

desenvolvimento do país e da sua população. Através das rádios as diferentes etnias estão representadas. Há a preocupação em transmitir as características, as danças, as músicas, a língua e as manifestações culturais de cada região para que haja realmente uma representação do país em sua diversidade. Não só a Rádio Nacional de Angola através dos seus cinco canais, de suas retransmissoras provinciais e de sua grande abrangência cumpre este papel de união nacional. Também a Rádio Ecclésia e a Luanda Antena Comercial assim como as outras emissoras privadas instaladas no interior desenvolvem trabalhos neste sentido.

A importância do rádio advém primeiro do objetivo de informar. Ele proporciona ao seu ouvinte o conhecimento da sua e de outras realidades, pois o mantém informado sobre assuntos da atualidade que afetam direta e indiretamente sua vida principalmente a nível local, regional e nacional. A rádio se faz presente no dia-a-dia da população através de programas de utilidade pública, localização de familiares, de anúncios diversos, achados e perdidos, oferecimento de serviços, troca de mensagens onde os ouvintes podem fazer pedidos, denúncias, reclamações, pedir músicas, interagir com os locutores dos programas, se distrair.

6.10 Credibilidade

O rádio tem grande audiência, abrangência e credibilidade junto à sociedade angolana, ele é o instrumento mais importante de comunicação no país. Devido ao alto índice de analfabetismo, a sua praticidade, alcance e baixo custo, ele pôde se desenvolver e hoje tem os profissionais com melhor qualificação. As informações veiculadas têm credibilidade e a população confia na seriedade da mídia rádio e recorre a ele quando precisa. No entanto as rádios privadas tem mais credibilidade do que as estatais, que direcionam a informação, dão uma única versão dos fatos e são mais tendenciosas devido ao componente editorial de defesa do estado. Existem

grandes avanços nesta área, pois o governo começa a entender que é preciso haver um debate mais aberto, que os problemas precisam ser apresentados e discutidos junto à população. A rádio dá oportunidade a sua audiência de conhecer pontos de vistas diferentes através dos debates, ter acesso a opinião e análise de especialistas, de escutar outros ouvintes, de se expressar.

6.11 O desafio da audiência

As rádios são os veículos de comunicação de maior audiência. Isso porque o seu baixo custo de aquisição e manutenção possibilita sua compra pela população mais pobre, seu alcance faz com que quase todo o território nacional seja coberto, alcançando as cidades e a zona rural, onde pode ser o único instrumento de comunicação. A audiência radiofônica não é composta somente pelas camadas mais populares, o rádio angolano é um fenômeno que atinge todas as classes, inclusive as mais altas. Existe o hábito de ouvir rádio por variados fatores, um deles é o alto índice de analfabetismo que torna o veículo o único acessível para quem não sabe ler, o outro é a cultura oral do país. Por estas razões a audiência do rádio deve se manter inalterada ainda nos próximos anos, no entanto com a popularização da televisão e em um segundo momento da internet, a tendência é que a audiência diminua. Para que isto aconteça é fundamental que haja uma distribuição de renda mais igualitária e que a população tenha poder de compra para adquirir estes equipamentos, o que ainda não é possível para a grande maioria da população.

6.12 Perspectivas

O aparecimento de novas rádios privadas, semanários e até um novo jornal diário se apresenta em um futuro bastante próximo. Estas são as expectativas para a comunicação social em curto prazo. No tocante a televisão com a abertura do monopólio estatal em 2006 há a possibilidade de que novas emissoras surjam. Com o surgimento de novas emissoras de TV e rádio e novos impressos o mercado jornalístico se alarga dando ao jornalista maior liberdade de escolha e, possivelmente, maior independência inclusive editorial.

6.13 Limitações ocorridas

A principal limitação durante a pesquisa foi o pouco tempo (aproximadamente um mês) passado em Angola. Devido a este fator não foi possível maior aprofundamento do tema. Nem todos os jornalistas que poderiam contribuir para a pesquisa foram entrevistados e a quantidade e diversidade de ouvintes poderia ter sido maior. Em relação à pesquisa com ouvintes, um fator que dificultou e até impossibilitou as entrevistas foi a indisposição de alguns deles em falar sobre o assunto.

O acesso às fontes de informação, como ONG's e representantes de órgãos públicos foi difícil. A falta de dados sobre o país também dificultou um conhecimento mais amplo sobre aspectos sociais, economia e cultura angolana.

6.14 Recomendações

Com base na pesquisa algumas ações são fundamentais para a melhor qualidade da comunicação em Angola. Tais como:

- * Regulamentação do mercado de radiodifusão que possibilite uma verdadeira democratização da comunicação.
- * Incentivo ao surgimento de rádios comunitárias. Este tipo de rádio tem grande valor para a população angolana, pois ela pode ser mais bem representada politicamente e na sua diversidade cultural.
- * Incentivo ao surgimento de novos jornais diários, semanários, emissoras de TV, rádio, portais na internet. Assim a possibilidade de que haja uma comunicação mais atuante, direcionada para as expectativas da sociedade tanto na capital quanto no interior seja mais real.
- * Criação de mais cursos profissionalizantes de curta e longa duração e ações que incentivem os profissionais a se qualificarem cada vez mais.
- * Desenvolvimento de programas em línguas nacionais, na capital e a partir de rádios regionais

REFERÊNCIAS

- BEMBOM, Maria Silvia Barioni da Cunha. **Televisão Pública de Angola – TPA (Monografia)**. Uma análise do modelo de televisão angolano. Universidade de Brasília. Brasília, dezembro 2006.
- BUMBA, Sitânio Agostinho. **A rádio em Angola e a Reinserção Social durante e no pós Conflitos Armados (Da luta para Independência ao Memorando de 2002) (Monografia)**. Universidade Privada de Angola. Luanda, 2007.
- COELHO, Sebastião. **Angola – História e Estórias da Informação**. Luanda: Executive Center, 1999.
- CUNHA, Mágda Rodrigues da; HAUSSEN, Doris Fagundes (Org.). **Rádio Brasileiro – Episódios e Personagens**. Coleção Comunicação – 29 Porto Alegre: Edpuers, 2003.
- GOURGEL, Alexandre. **Um calvário chamado Jonas**. Curitiba: Edição do autor, 1999.
- HARE, Paul. **A última grande oportunidade para a paz em Angola**. Porto: Campo das letras, 1999.
- LUBISCO, Nídia M. L.; VIEIRA, Sônia Chagas. **Manual de Estilo Acadêmico: Monografias, Dissertações e Teses**. Salvador: Edufba, 2003.
- MATOS, Heloiza (Org.). **Mídia, Eleições e Democracia**. São Paulo: Página Aberta Ltda, 1994.
- MATTELART, Armand. **Comunicação-mundo: história das idéias e das estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MELO, Leonel Itaussu A.; COSTA, Luís César Amad. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Scipione, 2001
- MOREIRA, Sonia Virgínia; DEL BIANCO, Nélia R. (Org.). **Desafios do Rádio no Século XXI**. Coleção GT's Intercom nº 12. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.
- OLIC, Nelson Bacic; CANEPA, Beatriz. **África: Terras, sociedades e conflitos**. São Paulo: Moderna, 2004. (Coleção Polêmica).
- ORTRIWANO, Gisela Swetlana. **A Informação no Rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**. São Paulo: Summus, 1985.
- PACHKOV, G.A. **África vista pelos amigos: coletânea de ensaios**. Moscovo: Edições Progresso, 1984.
- PANTOJA, Selma; SARAIVA, José Flávio Sombra (Org.). **Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

PAZZINATO, Alceu Luiz; SENISE, Maria Helena Valente. **História Moderna e Contemporânea**. São Paulo: Ática, 1997.

PEPETELA. **A parábola do Cágado Velho**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

PIMENTA, Marcelo. **Tendências da Comunicação 2**. Porto Alegre: L&PM, 1999.

PRADO, Emílio. **Estrutura da Informação Radiofônica**. São Paulo, Summus Editorial, 1989.

PRADO, Magaly. **Produção de Rádio: um manual prático**. Elsevier. Rio de Janeiro: Campus, 2006.

RUBIM, Antonio Albino Canelas (Org). **Idade Mídia**. Salvador: Edufba, 1995.

SAMPAIO, Mário Ferraz. **História do rádio e da Televisão no Brasil e no Mundo** (Memórias de um pioneiro). Edições Achiamé. Rio de Janeiro, 1984

SIMIELLI, Maria Elena. **Geoatlas**. Edição ampliada e atualizada. São Paulo: Ática, 2002.

VUNGE, Adebayo. **Dos Mass Mídia em Angola** – Um contributo para a sua Compreensão Histórica. Luanda: Edição do autor, 2006.

VUNGE, Adebayo. **O Rádio Clubismo em Angola**. Luanda, 2006.

Sites:

Human Rights Watch. Disponível em: <http://www.hrw.org/portuguese>

BBC Brasil. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese>

Le Monde Diplomatique Brasil. Disponível em: <http://diplo.uol.com.br>

Consulado Geral de Angola no Rio de Janeiro. Disponível em:
<http://www.consuladodeangola.org>

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em:
<http://www.ao.undp.org>

Central Intelligence Agency (CIA). Disponível em: <http://www.cia.gov>

Artigos:

A comunicação angolana. CONCEIÇÃO, J.. **A Comunicação Angolana**. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, América do Sul, 3 9 02 2007. Disponível em:
<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/view/1180/973>

A Nova Era da Radiodifusão Sonora Digital. MANHÃES, Marcus. 2007. **A Nova Era da Radiodifusão Sonora Digital Observatório do direito a comunicação**. Disponível em:

http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/content.php?option=com_content&task=view&id=1808.

Contributos para uma discussão sobre a Comunicação Social Angolana. Ismael Mateus.

Cultura, Mídia e Informação. Ismael Mateus.

Estratégia retórica dos “donos” da mídia como escudo ao controle social. REBOUÇAS, E. **Estratégia retórica dos "donos" da mídia como escudo ao controle social**. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006, Brasília. Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo : Intercom. Disponível em: www.facasper.com.br/pos/libero/libero15/04_edgard.pdf.

Human Rights Watch. **Proteção Limitada: Liberdade de Expressão e Informação sob a Nova Lei de Imprensa Angolana**. 2006. Disponível em: <http://www.hrw.org/portuguese/reports/angola1106/index.htm>

Mídia como instrumento de controle social. UNIrevista – Vol. 1, nº 3. 2006. MELO, Filipe Reis. **Mídia como instrumento de controle social. VIII Congresso Latino-Americano de Pesquisadores da Comunicação**. Disponível em: www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_RMelo.PDF.

O papel das rádios comunitárias na educação e mobilização das populações para os programas de desenvolvimento local em Moçambique. JANE, T. **O papel das rádios comunitárias na educação e mobilização das populações para os programas de desenvolvimento local em Moçambique**. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, América do Sul, 2 8 02 2007. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, Vol. 2, No 1 (2004). Disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/view/1164/910>

Rádio Comunitária para o desenvolvimento na África. ALUMUKU, P.; White, R.. **Rádio Comunitária para o Desenvolvimento na África**. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona**, América do Sul, 3 9 02 2005. Disponível em: <http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/anuariolusofono/article/view/1182/998>

Relatório Fowler. 2000.

Entrevistas:

ALEIXO, Victor. Luanda, 14 de setembro de 2007.

ARAÚJO, Paulo. Luanda, 17 de setembro de 2007.

BACELAR, Adilson. Luanda, 13 de setembro de 2007.

BELÈM, José de. Luanda, 22 de setembro de 2007.

BUMBA, Sitânio. Luanda, 2 de outubro de 2007.

FANÇONY, Luisa. Luanda, 19 de setembro de 2007.

GUERRA, Sergio. Luanda, 1 de outubro de 2007.

GONÇALVES, Leonardo Salomão da Silva. Luanda, 29 de setembro de 2007.

KAMUTO, Maurício. Luanda, 20 de setembro de 2007.

LOURENÇO, Heitor de Jesus. Luanda, 3 de outubro de 2007.

MANUEL, Lemba Diogo. Luanda, 4 de outubro de 2007.

MATEUS, Ismael. Luanda, 18 de setembro de 2007.

MEIRELES, Antonio. Luanda, 26 de setembro de 2007.

MELO, João. Luanda, 28 de setembro de 2007.

POMBO, Ingrácia. Luanda, 2 de outubro de 2007.

ROGÈRIO, Luisa. Luanda, 8 de outubro de 2007.

SILVA, Isabel Palmira. Luanda, 15 de setembro de 2007.

SOUSA, Antônio Magalhães. Luanda, 16 de setembro de 2007.

VAZ, Mário. Luanda, 5 de outubro de 2007.

VIEIRA, Manuel. Luanda, 20 de setembro de 2007.

ANEXOS

ANEXO 1. Rede nacional de emissores da Rádio Nacional de Angola.

PROVINCIA	LOCALIDADE	SISTEMAS DE FM E OM				
		Tipo	Freq	Pot (Kw)	Alcance (Km)	Canal
Bengo	Caxito	FM	88.50 Mhz	0.250	20 - 40	A
			9150 Mhz	4.000	40 - 60	local
	Mulenvos	OM	1 134 Khz	10.000	100 - 250	local
Benguela	Benguela	FM	90.40 Mhz	1.000	40 - 60	Rad 5
			101.70 Mhz	2.000	50 - 80	A
			92.90 Mhz	4.000	65 - 100	local
	Lobito	FM	774 Khz	50.000	250 - 400	A
			1 503 Khz	10.000	100 - 250	local
	93.50 Mhz		250 w	20 - 40	local	
Bié	Kuito	FM	101.40 Mhz	1.000	40 - 60	Rad 5
			104.90 Mhz	2.000	60 - 80	A
	Kuito	FM	92.30 Mhz	0.100	20 - 40	A
			91.00 Mhz	4.000	65 - 80	local
Cabinda	Cabinda	OM	1 404 Khz	10.000	120 - 200	local
			990 Khz	50.000	250 - 400	A
		FM	88.30 Mhz	0.100	20 - 40	N Yetu
			95.00 Mhz	0.150	20 - 40	Rad 5
Cabinda	FM	91.30 Mhz	1.000	25 - 60	A	
		91.30 Mhz	4.000	52 - 80	local	

	<i>Tenda</i>	OM	1 530 Khz	10.000	100 - 200	local
			1 278 Khz	25.000	150 - 300	A
Cunene	<i>Ondjiva</i>	FM	89.20 Mhz	0.250	20 - 40	N Yetu
			94.50 Mhz	0.250	20 - 40	Rad 5
			92.20 Mhz	4.000	50 - 100	A
			98.00 Mhz	5.000	65 - 120	local
Huambo	<i>Huambo</i>	FM	99.80 Mhz	0.100	20 - 40	N Yetu
			98.70 Mhz	0.250	20 - 40	A
			89.00 Mhz	0.250	20 - 40	Rad 5
			92.10 Mhz	4.000	65 - 80	local
		OM	1 170 Khz	10.000	150 - 250	local
Huila	<i>Lubango</i>	FM	93.50 Mhz	0.100	20 - 40	A
			94.50 Mhz	0.200	25 - 60l	Rad 5
			91.10 Mhz	4.000	150 - 250	local
			103.00 Mhz	0.100	20 - 40	N Yetu
		OM	1 313 Khz	1.000	60 - 100	local
			1 233 Khz	10.000	100 - 200	local
Kuando-Kubango	<i>Menongue</i>	FM	90.10 Mhz	0.100	40 - 60	Rad 5
			96.70 Mhz	0.200	50 - 80	A
			93.10 Mhz	0.250	60 - 100	local
		OM	1 467 Khz	10.000	100 - 180	local
Kwanza-Norte	<i>N'dalatando</i>	FM	91.80 Mhz	0.150	20 - 40	local
			97.20 Mhz	0.100	15 - 20	A
		OM	1 260 Khz	10.000	100 - 200	local

	<i>Golungo Alto</i>	FM	100.40 Mhz	0.20	15 - 20	local
	<i>Ambaca</i>	FM	98.00 Mhz	0.50	15 - 20	local
	<i>Dondo</i>	FM	88.80 Mhz	0.50	15 - 20	local

PROVINCIA	LOCALIDADE	SISTEMAS DE FM E OM				
		Tipo	Freq	Pot (Kw)	Alcanc e	Canal
Kwanza-Sul	<i>Sumbe</i>	FM	88.70 Mhz	0.250	20 - 40	Rad 5
			95.10 Mhz	0.259	20 - 40	A
			91.70 Mhz	4.000	65 - 80	local
		OM	1 485 KHz	10.000	100 - 250	local
Luanda	<i>Estúdios Centrais</i>	FM	93.50 Mhz	4.000	65 - 150	A
			93.50 Mhz	4.000	50 - 100	A
			94.50 Mhz	4.000	60 - 150	Rad 5
		99.90 Mhz	4.000	60 - 150	R Lda	
		101.40 Mhz	4.000	60 - 100	N Yetu	
		FM	96.50 Mhz	5.00	50 - 100	Rad FM
	OM	1 010 KHz	1.000	60 - 100	R Lda	
	<i>Mulenvos</i>	OM	702 KHz	10.000	100 - 250	A
			944 KHz	25.000	150 - 300	N Yetu
			1 088 KHz	100.000	200 - 400	A
			1 088 KHz	25.000	150 - 300	A
1 367			100.000	200 - 400	A	
Lunda-Norte	<i>Dundo</i>	FM	90.30 Mhz	0.100	20 - 40	A
			94.50 Mhz	0.100	20 - 40	Rad 5

			93.30 Mhz	4.000	50 - 80	local
		OM	1 440 Khz	10.000	100 - 150	local
Lunda-Sul	<i>Saurimo</i>	FM	89.10 Mhz	0.100	20 - 40	Rad 5
			95.50 Mhz	0.250	20 - 40	A
			92.50 Mhz	0.250	40 - 60	local
		OM	1 386 Khz	10.000	100 - 250	local
Malange	<i>Malange</i>	FM	90.50 Mhz	0.100	20 - 40	Rad 5
			96.90 Mhz	0.250	20 - 40l	A
			93,70 Mhz	4.000	60 - 100	local
		OM	1 187 Khz	10.000	100 - 250	local
			1 197 Khz	10.000	100 - 250	local
Moxico	<i>Luena</i>	FM	92.60 Mhz	0.150	20 - 40	Rad 5
			89.60 Mhz	0.250	20 - 40	A
			96.00 Mhz	2.000	40 - 60	local
		OM	1 485 Khz	10.000	100 - 250	local
Namibe	<i>Namibe</i>	FM	89.50 Mhz	0.100	20 - 60	A
			94.50 Mhz	0.150	20 - 60	Rad 5
			92.50 Mhz	4.000	60 - 150	local
		OM	1 314 Khz	10.000	100 - 180	local
	<i>Tombwa</i>	FM	95.90 Mhz	0.250	20 - 40	local
Uige	<i>Uige</i>	FM	94.50 Mhz	0.250	20 - 40	Rad 5
			92.50 Mhz	2.000	40 - 60	A
			91.00 Mhz	4.000	60 - 100	local
		OM	1 296 Mhz	10.000	100 - 250	local

	<i>Negage</i>	FM	94.40	0.250	20 - 40	local
Zaire	<i>Mbanza Congo</i>	FM	89.70	0.250	20 - 40	Rad 5
			Mhz			
		97.70	0.500	40 - 60	local	
		Mhz				
	96.10	2.000	40 - 60	A		
Mhz						
OM	1 152 Khz	10.000	100 - 250	local		
<i>Soyo</i>		FM	92.70	0.100	25 - 60l	local
			Mhz			
		OM	1 298 Khz			

ANEXO 2. Questionário aplicado aos entrevistados

1. De maneira geral de que forma as rádios ajudam a população angolana?
2. Como você avalia a importância do rádio na reconstrução nacional?
3. Quais as maiores dificuldades enfrentadas no dia-a-dia dos jornalistas?
4. Que tipo de pressão é mais comum enfrentar no trabalho?
5. A população pode confiar nas informações veiculadas pelos meios de comunicação?
6. De que maneira são abordados assuntos como corrupção, violência, saúde, desemprego?
7. Como você avalia a qualificação dos jornalistas angolanos?
8. A qualificação dos profissionais tem melhorado?
9. O que falta para melhorar a qualidade da programação das rádios?
10. De que forma o rádio poderia ajudar ainda mais a população?
11. Quais as principais diferenças entre o jornalismo feito 20 anos atrás e o atual?
12. Que críticas poderiam ser feitas aos meios de comunicação e aos jornalistas no país?
13. Quais as perspectivas para a comunicação no futuro?

ANEXO 3. Programação da Rádio Canal A, canal da Rádio Nacional de Angola

Programação do canal A:

0h - Jornal da Meia Noite

O programa Dia Novo inclui jornais da hora: 1h, 2h, 3h, 4h e termina às 5h.

Programa de ligação entre a noite e o dia. Inclui conversas ao telefone com ouvintes sobre os mais variados temas, curiosidades, temas de carácter sócio cultural. Momentos de poesia e espaços com músicas de todas as épocas.

5h - Jornal da Hora

Agenda Nacional (serviço de utilidade pública)

Có- Rádio (micro-programa dirigido para as comunidades rurais e que aborda temas ligados aos cuidados básicos de saúde e as iniciativas locais para melhorar a qualidade de vida nas zonas rurais)

Có- Rádio é emitido às 2^a, 4^a e 6^{as} Feiras

A voz do Campo (micro- programa dirigido para todos aqueles que trabalham a terra. Aborda temas ligados à agricultura e pecuária, técnicas de cultivo, soluções para problemas ligados à agricultura no país com intervenção das emissoras provinciais.)

A voz do campo é emitido às 3^{as} e 5^{as} feiras.

5h30 – Hora Certa

Programa produzido pelas Forças armadas Angolanas com o objetivo de consolidar a unidade nacional, reconciliação de todos os Angolanos. Inclui abordagem de temas como: reinserção de ex- militares na vida social, desmobilização e reassentamento de ex- militares, desminagem e outros passos para paz em Angola.

O Hora Certa tem três emissões diárias: 05h30, 12h05 e 19h10. Este programa não é emitido aos sábados.

6h - Manhã Informativa

Magazine de informação Geral preenchido com temas da atualidade, abordagem de dossiers ligados as mais diversas esferas da vida do país e não só. O Programa inclui espaços de entrevistas, grandes reportagens, comentários e crônicas.

Realização: Francisco Mendes

9h - Agenda Nacional

Mel que Mata - Espaço de educação sobre o Sida. Inclui informações sobre a pandemia do mundo, em África e Angola em particular, entrevistas com ONG's e outras agentes envolvidos na luta contra o Sida inclusive doentes e pessoas portadoras do vírus. O espaço promove iniciativas que visam lutar contra a propagação da pandemia.

9h30 - Rádio Piô

Programa infantil com carácter pedagógico e entretenimento virado para crianças e adolescentes. O Rádio Piô tem igualmente uma emissão de 1h das 14h às 15h) de Domingo.

9h30- Rádio Pio

10h - Jornal da Hora

Agenda Nacional

Expresso 10/12

Programa que aborda majoritariamente temas sócio culturais com destaque para setores como educação, saúde, promoção social e economia. Inclui espaços sobre radiografias dos mais variados sectores da vida do país, desminagem e outras ações viradas para os mais variados domínios da vida do país.

11h - Jornal da Hora

Continua o expresso

11h58 - Final do expresso

12h - Jornal da Hora

- Agenda Nacional

- Hora Certa

11h35 - Angola Ponto a ponto

Jornal das regiões com o retrato de aspectos ligados à vida econômica, social e cultural de todas as regiões de Angola, através de entrevistas, reportagens e crônicas.

12h57 - Leitura de Emissores

12h58 - 12h58- Pré- Sintonia

13h - Jornal da Atualidade

- Serviço completo de notícias

- Diário Econômico (flash com informações econômicas de Angola e no Mundo) .

13h30 – Esportivo

Jornal de todos os Desportos com a Rádio- 5

14h - Hora de Relaxe

Espaço de música suave e curiosidades do mundo da música.

Às 2^{as}, 4^{as} e 5^{as} feiras o Hora de Relaxe tem uma hora de emissão (14h00- 15h00)

Às 3^{as} e 6^{as} feiras o programa tem apenas 30 minutos

(14h- 14h30).

Azimute Atualidade- magazine econômico com informações sobre a vida econômica do país e do mundo, com entrevistas, reportagens e comentários.

O Azimute é um programa Bi- semanal emitido às 3^{as} e 6^{as} feiras das 14h30 às 15h00.

15h - Jornal da Hora

- Agenda Nacional

- **Panorama-** Programa de debates, entrevistas e grandes reportagens sobre os mais variados temas distribuídos da seguinte forma:

2^a feira- Saúde, 3^a feira- Educação,

4ª feira- Assuntos jurídicos,

5ª feira- Assuntos sócio- económicos

6ª feira- Assuntos culturais

Realização: Filipe Estevão

Apresentação: Belchior de Carvalho

16h - Jornal da Hora

Tarde Total - programa virado para abordagem de temas ligados à vida dos jovens: educação, habitação, emprego, delinquência, prevenção e combate contra AIDS, etc.

- Inclui igualmente espaço sobre o género abordado na perspectiva juvenil , ciência e tecnologia e a contribuição dos jovens para a preservação do ambiente.

18h - Rádio Jornal

Magazine de informação Geral

Realização: Adalberto Lourenço

Apresentação: António Bento

19h - Resumo Noticioso

Agenda Nacional

- **Hora Certa** (3ª emissão)

19h45 - Ditos na Imprensa

Espaço onde se destaca o assunto mais noticiado ao longo do dia pelos media.

20h - Jornal da Noite

Diário Económico

20h30 - Desportivo (Rádio Cinco)

21h - Boa Noite Angola

Magazine noturno virado para a abordagem de temas sócio- culturais e entretenimento

- Inclui à 2ª Feira- Consultório médico com intervenção de ouvintes ao telefone e por carta

Boa Noite Angola inclui jornais às 22h e 23h.

0h - Jornal da Meia-Noite

ANEXO 4. Programação da Rádio Luanda, canal da Rádio Nacional de Angola

Programação da Rádio Luanda:

Domingo:

0h15 - 05h - Bom dia Luanda

5h - 6h - Balumuka

Programa Recreativo e Informativo, em língua nacional kimbundo.

6h - 9h - Espaço Musical

9h - 13h - kialumingo

Programa recreativo.

13h30 - 15h - Big Show Cidade

Espaço de música rap.

15h - 20h - Onda da Alegria

Programa Recreativo destaque para o karaoke na rádio

20h – Notícias

Em cadeia com o canal A

20h30 – Desportivo

Em conexão com a Rádio 5

21h - 0h - Clube de Amigos

Inclui entre 21h/ 22h o espaço “Ame a Vida, Viva com Amor”

Sábado:

0h15 - 5h - Bom dia Luanda

5h - 6h - Balumuka

Programa Recreativo e Informativo, em língua nacional kimbundo.

6h - 10h - Bué Bueré Bué

Programa Recreativo 100% de música nacional.

Inclui rubrica de 30 minutos para promoção de vozes femininas.

10h - 10h30 - Kaluanda Piô

Programa Infantil

10h30 - 13h - Sábado Mais

“Sábado Mais” Programa Recreativo.

13h – Notícias

Em cadeia com o canal A

14h - 16h - Viagem ao Passado

Programa dirigido aos “kotas” com músicas e temas relacionados à década de 60.

16h - 20h - Sábado Azul

Espaço recreativo, com curiosidades diversas e muitos concursos.

20h – Notícias

Em cadeia com o canal A

20h30 – Esportivo

Em conexão com a rádio 5

21h - 0h - Agitação Musical

Programa 100% musical

Segunda a Sexta-feira:

0h - Notícias

Em cadeia com o canal A

0h15 - 5h - Bom dia Luanda

Programa recreativo, dirigido á Luanda acordada durante a madrugada. Curiosidades diversas.

5h - 6h – Balumuka

Programa Recreativo e Informativo, em língua nacional kimbundo.

6h - 13h - kiandando

Programa Informativo sobre os aspectos sócio econômicos e culturais de Luanda. Para um auditório bastante diversificado.

10h - 10h30 - Kaluanda Piô

Programa Infantil “Kaluanda Pio” Espaço formativo e recreativo.

13h – Notícias

Em cadeia com o canal A

13h30 – Esportivo

Em conexão com a rádio 5.

14h - 17h - Tarde Viva

Programa Recreativo, com espaço de dedicatórias, discos pedidos e curiosidades diversas.

17h - 20h - Jovial Cidade

Espaço Informativo até as 18 horas.

Público Alvo: Juventude. Espaço informativo, formativo e recreativo, Variedades diversas, debates e concursos.

20h – Notícias

Em cadeia com o canal A

11h35 – Esportivo

Em conexão com a rádio 5

21h – 0h - Viva a noite

Programa Recreativo.

ANEXO 5. Programação e características dos programas da rádio FM estéreo, canal da Rádio Nacional de Angola

Programação da Rádio FM Stéreo:

Segunda-feira

5h56 – Pré- sintonia e abertura

6h – Hora Seis

9h – Roteiro da Manhã

12h – Música ao Almoço

14h – Velhos Sucessos

15h - Um Grupo

16h - Clube Jovem

18h - FM Expresso

20h - O Som do Jazz (JAZZ CLASSICO)

21h - Música Clássica

22h - Trilogia: a noite; o ouvinte e a música

0h – Velhos Sucessos (REPOSIÇÃO)

1h – Encerramento da Emissão

Terça-feira

5h56 – Pré- sintonia

6h – Hora Seis

9h – Roteiro da Manhã

12h – Música ao Almoço/ Canção e orquestra

14h - Velhos Sucesso

15h – Cor do som (REPOSIÇÃO)

17h - O brilho das estrelas

18h - FM Expresso

20h – Relaxe Total

21h – Jazz Total

22h - Trilogia: a noite, o ouvinte e a música

0h – Velhos Sucessos (REPOSIÇÃO)

1h – Encerramento

Quarta-feira

5h56 – Pré-sintonia e abertura

6h – Hora seis

9h – Roteiro da Manhã

12h – Música ao almoço (Canção e orquestra)

14h – Velhos Sucessos

15h - Giroscópio (REPOSIÇÃO)

17h - FM 17 horas

18h - FM Expresso

20h – Jazz Ometria

21h – Música Clássica

22h - Trilogia: a noite, o ouvinte e a música

0h – Velhos Sucessos (REPOSIÇÃO)

1h0 – Encerramento Da Emissão

Quinta-feira

5h56 – Pré-sintonia

6h – Hora seis

9h – Roteiro da Manhã

12h – Música ao almoço (CANÇÃO)

14h – Velhos Sucessos

15h – Um grupo

16h – Clube Jovem

18h - FM Expresso

20h – Dimensão Latina

21h – Música Clássica

22h - Trilogia: a noite, o ouvinte e a música

0h – Velhos Sucessos (REPOSIÇÃO)

1h – Encerramento da emissão

Sexta-feira

5h56 – Pré-sintonia e abertura

6h – Hora seis

9h – Roteiro da Manhã

12h – Música ao almoço

14h – Velhos Sucessos

15h – Rap Mania

16h – Hora Radical

18h - FM Expresso

20h – Rock não é barulho

21h – Relaxe Total

22h – Jazz fusion

23h – Velhos |Sucessos (REPOSIÇÃO)

1h – Encerramento da emissão

Sábado

5h56 – Pré-sintonia

6h – Musical variado (Temas suaves) Manhã de sábado

9h – Palavras Cruzadas

12h - FM Magazine (Música e breves notícias do mundo da cultura e da atualidade)

13h – Música ao almoço

14h – Música variada

15h - Tropicalíssimo

17h – Super Mix

18h - Volume 10

20h - A grande música negra

21h - Giroscópio

23h – Fuga Musical

1h- Encerramento da emissão

Domingo

5h56 – Pré-sintonia e abertura

6h – 13h - Domingo estereofônico

13h – Musical variado

15h – Tarde musical

17h – Cor do som

19h - Estúdio

20h – Revista Cultural

21h – Música Clássica

22h – Parada de Sucesso

23h – Luanda a noite

1h – Encerramento da emissão

Perfil dos programas:

Hora seis

Magazine informativo – cultural com suporte musical variado.

Roteiro da manhã

Um programa preenchido por música ligeira intercalada com alguma informação do show business.

Música ao almoço

Um programa agendado como fundo para hora do almoço. Música ligeira e de ritmo lento.

Velhos sucessos

Magazine informativo – cultural com suporte. Música variada. Músicas dos anos 50, 70 e 80.

Roteiro da manhã

Um programa preenchido por música ligeira intercalada por alguma informação do show business.

Um grupo uma voz

Espaço de 60 minutos com ênfase na cena musical dos anos 80 e 90.

Clube jovem

Programa preparado e apresentado por jovens e dedicado aos adolescentes. Entrevistas com jovens que se destacam no campo educativo, cultural e tecnológico.

FM expresso

Programa de 115 minutos com o máximo de música hip hop, soul music e R’NB com informação sobre os gêneros musicais.

Jazz

Programa dedicado a divulgação do jazz clássico e música clássica

Triologia

Um programa de 90 minutos considerado o serão do ouvinte da rádio. O suporte musical vai desde o jazz, swing, rock e pop dos anos 70.

Cor do som

Programa dedicado a divulgação do pop-rock mais recente.

Giroscópio

Programa dedicado a divulgação das últimas novidades da música.

Brilho das estrelas

Programa dedicado a divulgação de informações sobre cinema com suporte musical.

Jazz hoje

Programa dedicado a difusão do jazz clássico e de fusão.

Jazzometria

Programa agendado para dar ao ouvinte Acid Jazz.

Dimensão latina

Um programa exclusivamente de música latino-americana.

Rap mania

Programa dedicado exclusivamente a música RAP, incluindo informações.

RFM jazz

Programa dedicado somente a difusão do jazz de fusão.

Hora radical

Programa essencialmente jovem, divertido e dinâmico, que aborda assuntos variados desde o desportos radicais à moda, cinema, música.

Rock não é barulho

Programa essencialmente musical que aborda o mundo rock desde a sua origem. Oferece ao ouvinte o rock mais soft

Palavras cruzadas

Um máximo de música, mínimo de informação. Entrevistas com produtores culturais

FM magazine

Programa de musica Pop-rock acompanhada de informações sobre tiragem, vendas.

Tropicalíssimo

Programa de duas horas de música tropical incluindo a angolana.

Super mix

Um programa de 60 minutos dedicado a divulgação da música tecno.

Volume 10

Programas dedicado exclusivamente a música rock nas sua variadas vertentes.

A grande música negra

PROGRAMA que leva ao ouvinte a música africana, feita no continente ou fora dele.

Domingo estereofónico

Programa de música variada acompanhada de informação sobre discos, posições nos TOPS e vendas.

Revista cultural

Dedica-se a resenha das atividades culturais no país e no estrangeiro.

Estúdio

Programa dedicado a música ambiental ou experimental.

Parada de sucessos

Programa onde passam os vários TOPS da Europa e da América.

ANEXO 6. Programação e características dos programas da rádio 5, canal da Rádio Nacional de Angola.

Programação da Rádio 5:

Domingo

5h – Abertura

- Notícias- Destaques nacionais e internacionais

5h10 - Reposição do Programa Memórias, Conquistas e Glórias

6h15 - Destaques/ Reportagem, entrevistas, notícias/espacos da grelha.

6h30 - Boletim Informativo (Primeira edição).

7h - Síntese Informativa

7h5 - Desenvolvimento da atualidade

7h30 - Top de Notícias

8h - Síntese Informativa.

8h 30 - Top de Notícias

9h - Síntese Informativa.

9h30 - Quintalão do Desportista, as figuras nos tempos (já fora do ativo, atletas, dirigentes ou técnicos)

12h - Jornal Síntese

13h - Transmissão em cadeias com a R.N.A. do Jornal de Sábado.

14h - Tarde Desportiva (Atualidade Desportiva Geral, Relatos).

20h - Transmissão em cadeias com a R.N.A. do Jornal da Noite.

20h30 - Magazine Desportivo, em Cadeia Nacional.

21h - Pausa Musical.

21h30 - Programa Ídolos e Fãs (Atletas, dirigentes e técnicos no ativo).

23h45 - Boletim Informativo (Segunda edição).

0h - Encerramento.

Segunda a Sexta

5h – Abertura

Noticias

Destaques nacionais e internacionais

5h30 - Ginástica na Rádio

6h – Noticias

Destaques/ Reportagem, entrevistas, noticias/espacos da grelha.

6h30 - Boletim Informativo (Primeira edição).

7h - Síntese Informativa.

7h5 - Desenvolvimento da atualidade.

7h30 - Top de Noticias

8h - Síntese Informativa.

8h30 - Top de Noticias.

9h - Síntese Informativa.

9h15 - Correspondências com a Antena -1

9h30 - Top de Noticias.

10h - Síntese Informativa.

10h - Top de Noticias.

11h - Síntese Informativa.

11h30 - Top de Noticias.

12h - Jornal Síntese.

12h30 - Ponto à Ponto (Crônica desportiva).

12h45 - Destaques do Desportivo.

13h - Transmissão em cadeias com a R.N.A. do Jornal da Tarde.

13h30 - Magazine Desportivo, em Cadeia Nacional

14h - Pausa Musical.

14h30 - Top de Noticias.

14h40 - Temas de Formação Desportiva, História do Desporto, Onda Olímpica (3ª e 5ª feira).

História de Futebol (2ª Feira), Regras de Futebol e de basquetebol (4º Feira, quinzenalmente)

e História de basquetebol (6ª Feira)

15h - Síntese Informativa.

15h5 - Desenvolvimento da Atualidade.

15h30 - Top de Noticias.

16h - Síntese Informativa.

16h30 - Top de Noticias.

17h - Síntese Informativa.

17h30 - Top de Noticias.

18h - Jornal Síntese.

18h30 - Reposição do Ponto à Ponto (Crônica desportiva)

18h40 - Programa Ribalta (Terça-feira)

- Memórias Conquistas e Glórias (Quarta-feira)

- História dos Clubes (Quinta-feira)

- Auditório Público (Segundas e Sextas-feiras)

20h - Transmissão em cadeias com a R.N.A. do Jornal da Noite

20h30 - Magazine Desportivo, em Cadeia Nacional

21h - Pausa Musical.

21h30 - Magazines Debates: Futebol no Estúdio na Segunda-feira

- Tribuna dos Desportos (Terça –feira)

- Transmissão de Futebol Internacional ou Debates Desportivos (Quarta-feira)

- Bola ao Cesto (Quinta-feira)

- Consultório (Sexta-feira)

0h – Encerramento

Sábado

5h – Abertura

- Notícias

- Destaques nacionais e internacionais.

5h10 - Reposição do Programa Memórias, Conquistas e Glórias.

6h15 - Destaques/ Reportagem, entrevistas, notícias/espacos da grelha

6h30 - Boletim Informativo (Primeira edição).

7h - Síntese Informativa.

7h5 - Desenvolvimento da atualidade

7h30 - Top de Notícias.

8h - Síntese Informativa

8h30 - Top de Notícias.

9h - Síntese Informativa.

9h30 - Quintalão do Desportista, as figuras nos tempos (já fora do activo, atletas, dirigentes ou técnicos).

12h - Jornal Síntese.

13h - Transmissão em cadeias com a R.N.A. do Jornal de Sábado.

14h - Tarde Desportiva (Atualidade Desportiva Geral, Relatos).

20h - Transmissão em cadeias com a R.N.A. do Jornal da Noite.

20h30 - Magazine Desportivo, em Cadeia Nacional.

21h - Pausa Musical.

21h30 - Programa Ídolos e Fãs (Atletas, dirigentes e técnicos no ativo).

23h45 - Boletim Informativo (Segunda edição).

0h - Encerramento.

ANEXO 7. Programação e características dos programas da rádio N'gola Yetu, canal da Rádio Nacional de Angola.

Programação e Perfil dos Programas da Rádio N'gola Yetu:

Segunda-feira

Frente Produtiva: Um programa inteiramente dedicado à produção nacional, com maior realce para a produção do campo e à simbiose cidade-campo. Funciona como mobilizador para a conjugação de sinergias que permitam acabar com a importação massiva e generalizada de bens alimentares primários e presta informações sobre a preservação do meio ambiente. Esta rubrica é realizada por Alberto Andrade, "Mbila Nzambi".

Terça-feira

População, desenvolvimento e vida familiar: um programa que resulta de uma parceria entre a RNA e FNUAP (Fundo das nações Unidas para a População). População, os seus direitos, o equilíbrio do género, a equidade são os assuntos em pauta neste espaço da responsabilidade de Engrácia Pombo.

Quarta-feira

Saúde para todos: Abordagens, com participação de especialistas, em torno das grandes endemias (sarampo, poliomielite, tuberculose, malária e doenças transmissíveis sexualmente incluindo o Sida). Enfoque e mobilização social sobre as campanhas de vacinação promovidas pelo Ministério da Saúde e suas parceiras. António Marcos Sambathanga é o seu realizador semanal.

Quinta-feira

Citafrica: Uma viagem em torno dos acontecimentos do continente Africano. Situação sócio-política, económica, histórica e outras. Os efeitos do domínio europeu têm nesse espaço um destaque relevante. Uma página sob responsabilidade dos jornalistas Anastácia Bitota e Domingos Massona.

Sexta-feira

Programa nzila (caminho): Um magazine que acompanha a medidas e os esforços do governo Angolano sobre a paz e a reconciliação nacional, a reconstrução do país saído de uma violenta guerra, que durou quase 27 anos, o que afectou pessoas e destruiu infra-estruturas (Estradas, pontes escolas e hospitais). Uma edição sob responsabilidade de Maturino Zila. Ainda neste dia os ouvintes podem acompanhar espaços dirigidos às crianças das cidades e do meio rural. Kukula (crescer) é o nome destes espaços apresentados por crianças e jovens. Maia Alfredo é o seu realizador, tendo o apoio da jornalista Cristina Meio-dia.

Conheça os seus direitos: uma rubrica que emite matérias relacionadas com os direitos elementares da pessoa humana. Coordena o espaço o Jornalista Domingos Issanzo.

Domingo

Mukanda: Programa de entretenimento, troca de correspondência através de cartas e telefonemas entre ouvintes dos diferentes pontos do país. Uma espécie de disco pedido, ou seja, dedicatórias. É um programa feito a pensar no ouvinte, com realização de concursos relâmpagos. De realçar que sábado e Domingo o desporto ocupa lugar de destaque nas emissões da Rádio Ngola Yetu. Com relatos de Futebol em Cokwe, Luvale, Kimbundu, Umbundu, Ngangela, Songo, Kikongo.

Coordena a edição Zeferino David coadjuvado pelo Manuel Chimbandongo.

Os acontecimentos da actualidade nacional e internacional são retratados pelos Jornalistas

João David Inácio e Domingos Massona nos espaços "Kamenemene" (Matinal) e o "Jornal da Tarde", respectivamente.

ANEXO 8. Programação e características dos programas da Rádio Ecclésia.

Programação da Rádio Ecclésia:

Segunda a sexta-feira

5h – 6h - Reze conosco (Meditação e Santo do dia)

6h5 – 9h - Manhã Ecclesia

9h5 – 9h55 – radiografia

Educar para a Saúde / Segunda

Paz com Justiça / Terça

Raio-X / Quarta

Get up Stand up / Quinta

Luanda Escolar / Sexta

10h – 10h55 - Questões do Momento

Gotas de Luz / Segunda

Entre nós / Terças e Quintas

Vozes no Jango / Segundas e Quartas

11h - Síntese – Notícias

11h - 11:50 - Preço justo

11h55 - Bíblia Deus-conosco

12h – Ângelus

12h3 - RE- Jornal da Tarde. Edição das 12.

12h30 - 12h:50 - Fora do Campo

12h50 - 13:00 - Agenda Publica

13h - 14:00 - Ecclesia no Mundo

14h - 14:30 - Musica ligeira

14h30 - 15:00 - Ser Criança /Terças e Quintas

Diário Cultural / Segundas e Quartas

Programa Ambiental / Sexta

15h - RE-Flash

15h5 - 15:50 - Kais FM

16h - RE-Flash

17h - RE-Flash

17h5 - **17:55** - Auto Estrada da Informação

18h - Títulos do Jornal

18h5 – Terço

18h30 - RE-Jornal da Noite, Edição das 18:30

19h5 – **20h** - Magazine Religioso

20h – **20h30** - Coração Aberto /Terças e Quintas

20h30 – **21h** - Tukina / Terças e Quintas

20h – **21h** - Debate Desportivo / Quartas

21h - RE -Flash de Noticias

21h10 – **22h** - Conversas de Radio / Segundas e Quintas

21h10 – **23h** - Debate Religioso / Sexta

22h – **23h** – Desanuviando

23h – **23h30** - RE-Jornal da Noite edição das 23:30

23h40 – **23h55** - Música Religiosa

23h55 – **24h00** - Bíblia Deus Conosco

24h - Oração da noite

Sábado

5h – 6h - Reze conosco (Meditação e Santo do dia)

6h30 -7h – Despertar

7h - RE - Jornal da Manhã (edição das 7:00)

7h30 – 8h- Palavra e vida

8h - RE-Flash

8h5 – 8h30 - Nossa Tradição

08h30 – 09h30 - Play Chart

09h30 – 10h00 - Revista de Imprensa

12h – Ângelus

12h3 - RE- Jornal da Tarde (Edição das 12)

13h – 14h- Mátria

14h – 15h - África 7 Dias (Informativo)

15h -17h - Liga dos Amigos

17h – 18h - Cultura ao Sábado

17h – 18h - Títulos do Jornal

18h - Títulos do Jornal

18h – Terço

18h30 - RE - Jornal da Noite (edição das 18:30)

19h – 20h - 1ª Página

20h – 21h – Raízes

21h30 – 23h - Fundo do Baú / Música Africana (anos 60-70)

23h – 23h30 - RE - Jornal da Noite (edição das 23:00)

23h – 24h - Palavra e Vida

24h - Oração da noite

0h3 - 1h - Algures da noite

21h25 - Musica Africana variada

Domingo

5h – 6h - Reze conosco

6h30 - Palavra e Missão (Meditação do Santo dia)

7h - RE-Jornal da Manhã (edição das 7:00)

7h30 - Pastoral (G)

8h – Eucaristia

9h30 - Igreja Missionária (G)

10h – 11h - Ser Criança

11h - Igreja Lusófona

12h - Oração – Ângelus

12h3 - RE - Jornal da Tarde (edição das 12:00)

12h30 – 13h30 - Horizonte Juvenil

13h30 – 14h30 - Brisa Suave

14h30 – 19h- Frente desportiva

19h – 20h - Tukina (Musica Angolana)

20h – 21h - Ecclésia Ecumênica (edição de Domingo) G

21h – 22h – Desfolhando

22h – 23h - Musica Clássica

23h -23h10 - RE-Jornal da Noite (edição das 23:00)

23h10 – 23h55 - Igreja Lusófona (Reposição)

24h - Oração da Noite

0h30 – 5h - Musica Ligeira Variada

Perfil dos Programas

África 7 dias

Todos os sábados, a Ecclésia apresenta-lhe o resumo da semana no Continente Africano, os protagonistas, os dados reveladores de como caminha o nosso continente.

África 7 Dias, cada semana, uma página na História do Continente;

Sábado das 14 às 15 horas.

Fundo do baú

Diariamente a Ecclésia tira do Fundo do Baú êxitos que fizeram época anos 60 e 70, em Angola e no Mundo, para de novo fazer vibrar as emoções de antigos e novos fãs.

Fundo do Baú, aos Sábados, entre as 21H30 as 23H00

Frente desportiva

Todas as tardes de Domingo, a Ecclésia oferece-lhe o melhor do Desporto. Em conexão com a equipa desportiva da Rádio Renascença, em Lisboa, surge o melhor do futebol português e internacional.

Em Luanda o desporto nacional é acompanhado ao minuto. Durante 5 horas, das 14H30 às 19H00, uma vasta equipa garante-lhe que o melhor do espetáculo desportivo chega até si, com a máxima qualidade.

Kais FM

KAIS FM é um programa interativo, fluído e comunicativo É emitido de Segunda a Sexta-feira, entre as 15H05 e as 16H50.

A apresentação é de Gabriel Niva, que ao longo desse espaço lhe dá cor, ritmo e movimento, com música e informação variada.

Sempre que necessário, o nosso estúdio móvel vai à rua, para em direto dar a conhecer as novidades da cidade, de forma atraente e competitiva.

Mátria

Todos os sábados, a Ecclésia dedica às mulheres um espaço especial. Chama-se Mátria, vai para o ar entre as 13H00 e as 14H00. Sugestões, conselhos, dicas, num programa feito com carinho por mulheres e para mulheres, realizado e apresentado por Márcia Nigiolela.

Questões do momento

A Rádio Ecclésia oferece um programa aos Jovens.

De Segunda a Sexta-feira, entre as 10 e 12 Horas, Questões do Mundo aborda os grandes problemas da Juventude, em diálogo aberto e direto com os próprios Jovens.

Realizado e apresentado por Amélia Aguiar, Questões do Momento é uma janela aberta para a Sociedade Angolana, para que o futuro dos Jovens seja de esperança e seriedade. Este programa pretende ajudar a Juventude a tornar-se mais culta e participativa.

Sinfonia

Ao princípio da noite de Sábado, a Ecclésia apresenta-se como alternativa às outras rádios.

Num espaço relaxante e seleteo, oferece música de qualidade para a sua noite.

Viajando pela música Clássica e outras sonoridades, Sinfonia propõe-lhe o prazer de ouvir música imortal, para ouvidos de bom gosto. A apresentação é de Carla Castro.

Sinfonia, Sábados, entre as 20h e 21h. O bom gosto em primeiro lugar.